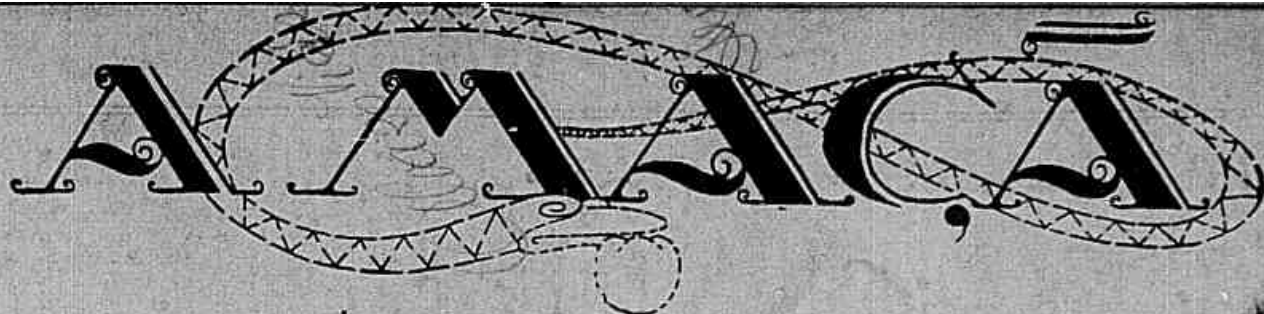


Num.

23

Anno I



15
de Julho
1922

DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.

ALVO... VERMELHO

R



Lup

- Porque pintas a tua bocca de vermelho, assim?
- Para o Luiz vêr onde me deve beijar. Elle é muito myope...



Os homens sabem,
— simplesmente, por
experiencia de sua propria robustez — que a bôa saude dá mulher.
As mulheres sabem mais... sabem que

A SAUDE DA MULHER

— o melhor remedio para curar os incommodos das senhoras — lhes
dá a alegria da vida, porque conserva a formosura e assegura a
belleza na unidade e na multiplicação da especie...

Depositario: **PLINIO CAVALCANTI & C.^{ia}**



**REGULADOR
FONTOURA**

O GRANDE
REMEDIO
DAS SENHORAS

TONICO RESTAURADOR
UTERINO

CURA DOENÇAS DO
UTERO

REGULARISA A
MENSTRUACÃO

CURA
TODOS OS ESTADOS MORBIDOS
DOS ORGÃOS FEMINOS

Rua Senador Dantas, 45 - RIO DE JANEIRO

COMP. DE LOTERIAS NACIONAIS DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, às 2^h 15 e aos sabbados
às 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, Sabbado, 15 de Julho, Às 3 horas da tarde
GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

100:000\$0000

INTEIROS, 16\$000 — EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se a venda na sede da
Companhia á Rua 1.^o de Março, 88.

BANHOS DE MAR EM CASA

Vendem-se a 600 réis — 1.^o de Março
151 e nas boas pharmacias e drogarias —
Exijam a marca registrada onde se lê: Ba-
nhos de mar em casa. Unicos analyzados e
recommendados por distinctos clinicos.



SYPHILIS? — LUETYL

Substitue as injeccões de
606, 914 e com vantagem
o Xarope de Gibert e a
antiga formula de Deret,
para o tratamento da
Syphilis, adquirida
ou hereditaria
em todas as
manifestações.

— Leiam a bulla —

SARDAS - PANNOS - CRAVOS - ESPINHAS - MANCHAS

**desapparecem
com o uso do**

CRÈME ANTI-ECATMOSIS FARAL

Producto brasileiro sul-rio-grandense, com a dupla vantagem de servir como delicado auxiliar na applicação do pó de arroz.

À VENDA POR TODA PARTE

Depositarios: ROBERTO FLOIGNY & C.^{IA}
Caixa Postal 2082 - RIO DE JANEIRO

FOOT-BALL



A **CASA ESTRELLA** commu-
nica aos jogadores deste Sport, que recebeu pelo
vapor Almanzora, grande sortimento de meias com
as cores de todos os Clubs, e camisas para Goal-
keeper importadas do afamado fabricante MOR-
LEYS.

OUVIDOR, 134

LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras

Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}
S. PAULO

Vende-se em toda a parte

ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97 - Sob.

**Comprar um bilhete da "Cruz Vermelha" é, além de uma habi-
litação á sorte, um auxilio á grande Cruzada!**



VISITEM O
AO 1.º BARATEIRO

100, AVENIDA RIO BRANCO, 100

A casa que primeira-
mente apresenta ao
publico do Rio as
ultimas creações da
moda de Paris.

Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte é preciso ter usado o

“SEXUOL”

Remedio providencial, de efeitos assombrosos, incomparavel nos casos de Esterilidade -- Debilidade sexual -- Esgotamento nervoso -- Fraqueza senil -- Cachexia organica -- Inappetencia genesica -- Neurasthenia -- Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard. ————— Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — *Drogaria Internacional* — Rua Quintino Bocayuva, 18.

OLHOS

Inflamações e purgações
USE O
“COLLYRIO MOURA BRAZIL”

TALCO BORICINADO SILVA ARAUJO
BABY-FLORA

PARA CRIANÇAS E ADULTOS
CONTRA AS IRRITAÇÕES DO CALOR



Filho unico de um casal encantador, Carlinhos, ou Lili, como o chamava a sua mamãe, passava horas e horas a ouvir a conversa da gente grande. A' noite, depois do jantar, elle ficava, é certo, a um canto da mesa, armando uns catellos de madeira que o avô lhe dera no ultimo anniversario; o pensamento acompanhava, porém, a palestra entabolada pela familia, composta do pae, da mãe, da avó paterna e de dois tios mais ou menos bilontras que chegavam, sempre, á hora da sôpa.

Nenhuma palestra familiar impressionou, entretanto, mais intensamente o menino, do que a que se travou, uma noite, quando se achava alli de visita a viuva do senador Plutarcho da Costa. Alludira a velha senhora á influencia das impressões durante um certo periodo da vida da mulher, e informára:

— Olha o que aconteceu com a Dona Luisinha. Quando ella estava para ter a Carmita, metteu no decote, durante o jogo do víspera, trez caroços de milho. E não é que a menina veio ao mundo tendo no collo tres signaes de carne que são tres caroços de milho, perfeitos?

Outros casos foram lembrados. O dr. Anthenor, mesmo sceptico,

recordou exemplos. A tia d'elle, Dona Sarinha, costumava andar com a chave da dispensa amarrada na cintura. Quando o Bernardo estava para nascer, toda a gente lhe dizia que puzesse a chave de parte, afim de não prejudicar o phisico da creança. E quando o menino veio ao mundo, tinha, effectivamente, na cintura, do lado esquerdo, a forma, exactamente, de uma chave.

Novos casos fôram apontados, mesmo na familia. O da Leonor, casada com o primo Joaquim, cujos signaes espalhados pelo corpo haviam sido originados pela mania, que tivera a mãe, de abusar da pimenta do reino. E, sobretudo, o da Dona Lourença, segunda esposa do tio Tiburcio, que nascera com o beijo daquelle tamanho unicamente porque a velha Ignacinha, mãe d'elle, passava horas inteiras a olhar para o solado do chinello.

Sentado na sua cadeira alta, a um canto da mesa, Lili cobria a lapis de côres o debuxo de um cavallinho, parecendo absorvido, inteiramente, pelo trabalho. Não levantava, sequer, os olhos. E foi com essa indiferença simulada que acompanhou toda a conversa, até que acabou de cobrir com tinta azul o desenho

PREFERENCIA



Elle — Este é melhor. O que você quer está maucho.



Os Perigos da Syphilis Ignorada

A SYPHILIS OBSCURA

↑
Quêda dos cabellos
As dores de cabeça diarias
O reumatismo
As dores nos ossos...
As dormencias

↓
O arthritismo --- as feridas
As purgações dos olhos e ouvidos
Os eczemas --- as empigens
As phlebites --- varizes
Manchas e espinhas no rosto
Dores erradias

**São males attribuidos a outras
causas e**

ERRADAMENTE TRATADOS

E assim vae o enfermo INCONSCIEN-
TEMENTE perdendo tempo e permit-
tindo que o mal se aggrave

O POLLANG

**O Poderoso Regenerador do Sangue
Tónico e Antirheumatico**

Vos restituirá a saude





TUDO SÓBE !

O famoso resaurante da rua Gonçalves Dias estava repleto áquella hora do dia. De vez em quando, a porta de espelho balançava no caixilho, dando passagem a um novo freguez, que ia até o fundo do salão, entre as filas de mesas occupadas.

A freguezia era, como habitualmente, da melhor. Senadores, deputados, capital'stas, e, aqui, ou alli, um homem de letras apatacado, desses que têm mais inclinação para as letras de cambio do que, propriamente, para o cambio das letras.

Ao fundo do salão, a um canto, o deputado Souza Filho. Possuindo bom appetite, já havia devorado um peixe cosido, um frango com arroz, um «beef» com bataínhas fritas, e ia pedir uma costelleta de carneiro quando se aproximou o gerente da casa.

— Bom dia, doutor!

— Bom dia! — correspondeu, secco, o representante pernambucano.

Não obstante as atenções com que era servido pelo «garçon», o jovem deputado não sympathisava muito com aquelle cavalheiro. As notas de despesa eram sempre exaggeradas, cotando-se o «beef» a quatro mil reis e a costelleta a cinco, e essa circumstancia fazia com que o dr. Souza Filho se considerasse, dia a dia, assaltado na sua algibeira.

Era, talvez, com a consciencia dessa antipathia que o gerente o cercava de gentilezas.

— Estão a servil-o bem, doutor? — tornou o homemsinho, após um momento de silencio.

— Sim, senhor, — tornou a victima.

Doido por uma palestra, o sujeito insistiu, encarando o moço deputado:

— O senhor está doente, doutor?

— Não, senhor; porque?

O gerente olhou, detido, para o

freguez ilustre, como se o impressionasse um pequeno tumor que lhe apparecia, nelle, junto ao ouvido, por traz do pavilhão auricular

— E' um carôço que lhe está nascendo aqui; parece um umbigo, doutor!

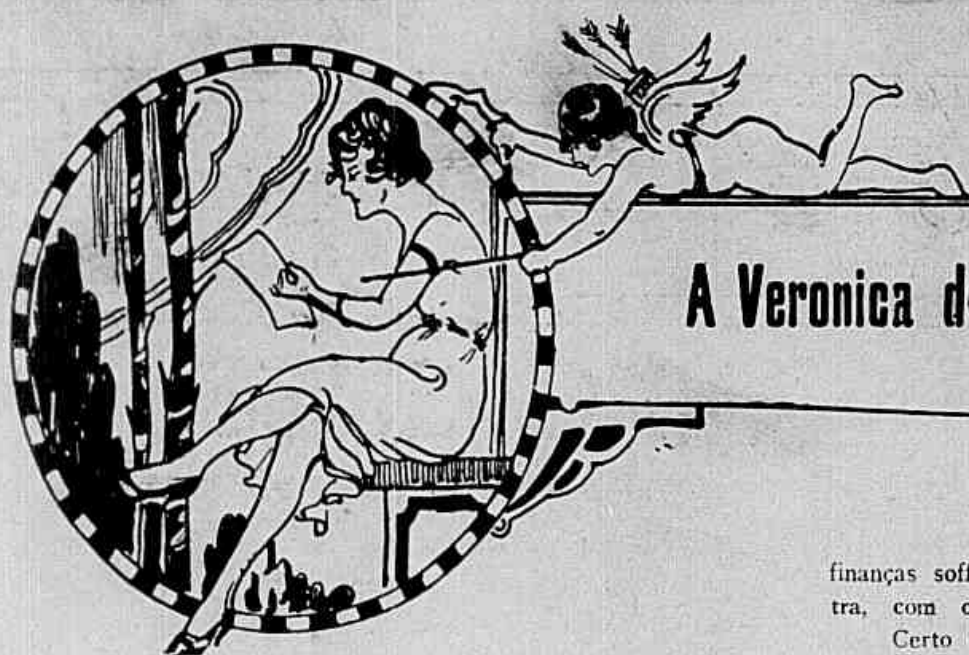
A essas palavras, Souza Filho, que acabava de receber a nota da despesa, sorriu, pagando o «garçon».

E levantando-se, para tomar o chapéo:

— Na sua casa tudo é tão alto, que não é de espantar, já, que eu esteja com o umbigo atraz da orelha! A. Bell



Milagres brasileiros



A Veronica de São Felisberto



Ha vinte annos atraz foi Juiz de Fora assaltada por uma crise grave, que a ia arruinando. As casas commerciaes fechavam-se, umas depois das outras, ao mesmo tempo que os commerciantes mais importantes abandonavam a cidade, tornando cada vez mais difficil a vida dos habitantes.

Centro industrial de certo relevo, a cidade possuia, já por essa epoca, uma certa vida galante. Seis ou oito mulheres formosas, idas do Rio e de São Paulo, mantinham a vida nocturna da futura Manchester brasileira, fazendo prosperar dois ou tres cafés tumultuosos, actualmente desaparecidos. E entre essas mulheres estava a encantadora Luisa Patti, rapariga de origem italiana, cujas



do bucephalo, e o mandaram para a cama, piscando os olhos, de somno.

No dia seguinte, cêdo ainda, o pequeno accordou, pondo-se de pé, no leito.

— Mãesinha! — chamou.

Dona Heloisa accorreu.

Quero xixi, — pediu.

A mãe tomou-o nos braços, desceu-o da cama, e chegou-lhe, para junto, um pequeno vaso de noite.

Olhos ainda entrefechados de somno, carinha amarrotada, cabelo na testa, o pequenito levantou a camisinha, para fazer a sua necessida-

finanças soffriam, mais que as de qualquer outra, com o exodo da população.

Certo dia, porém, foi a cidade alarmada por uma noticia atordoante. a italiana Luisa Patti, rapariga de vida facil, que a crise tornara difficil, havia sonhado, á noite, que São Felisberto baixara das alturas para pousar a cabeça sobre o seu collo; e quando accordara, tinha na pelle, perfeitamente gravada, a veronica de São Felisberto!

O resultado dessa noticia, divulgada insistentemente pelos jornaes, foi uma romaria enorme, dia e noite, no rumo da casa em que morava Luiza Patti. Uns queriam, apenas, ver a veronica. Outros, beijal-a. E outros, como o actual deputado Francisco Valladares e o poeta Belmiro Braga, não só não se contentavam com o beijo, como queriam, ainda, abraçar o altar, e ficar, a noite inteira, deante d'elle, com o cirio bento na mão.

Ao consequencias desse milagre fôram, entretanto, as mais tristes: dias depois, não havia rapariga de vida duvidosa que não tivesse no collo e, até, nas espaldas, cuidadosamente tatuada, a santa cabeça de São Felisberto!

Capitão Matheus

de. Esta demorou, porém, um instante. E como elle baixasse os olhos, gemeu, estremunhado ainda:

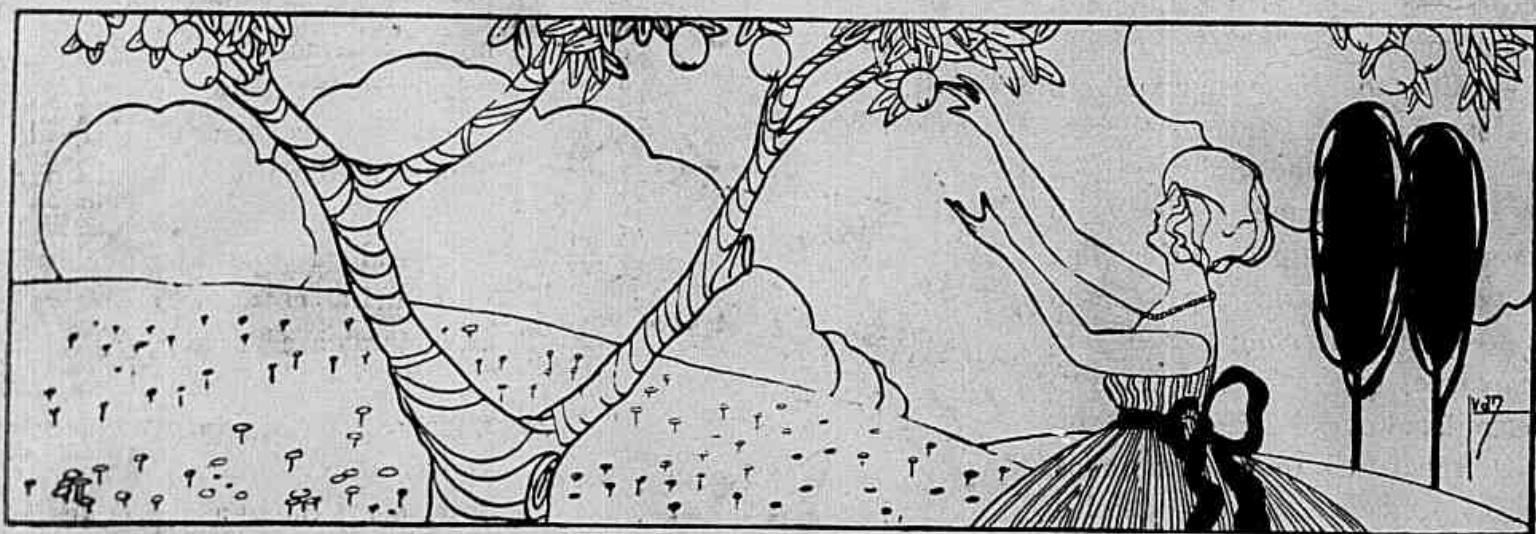
— Mamãesinha!

— Que é, filhinho? — inlagou a bôa senhora, carinhosa.

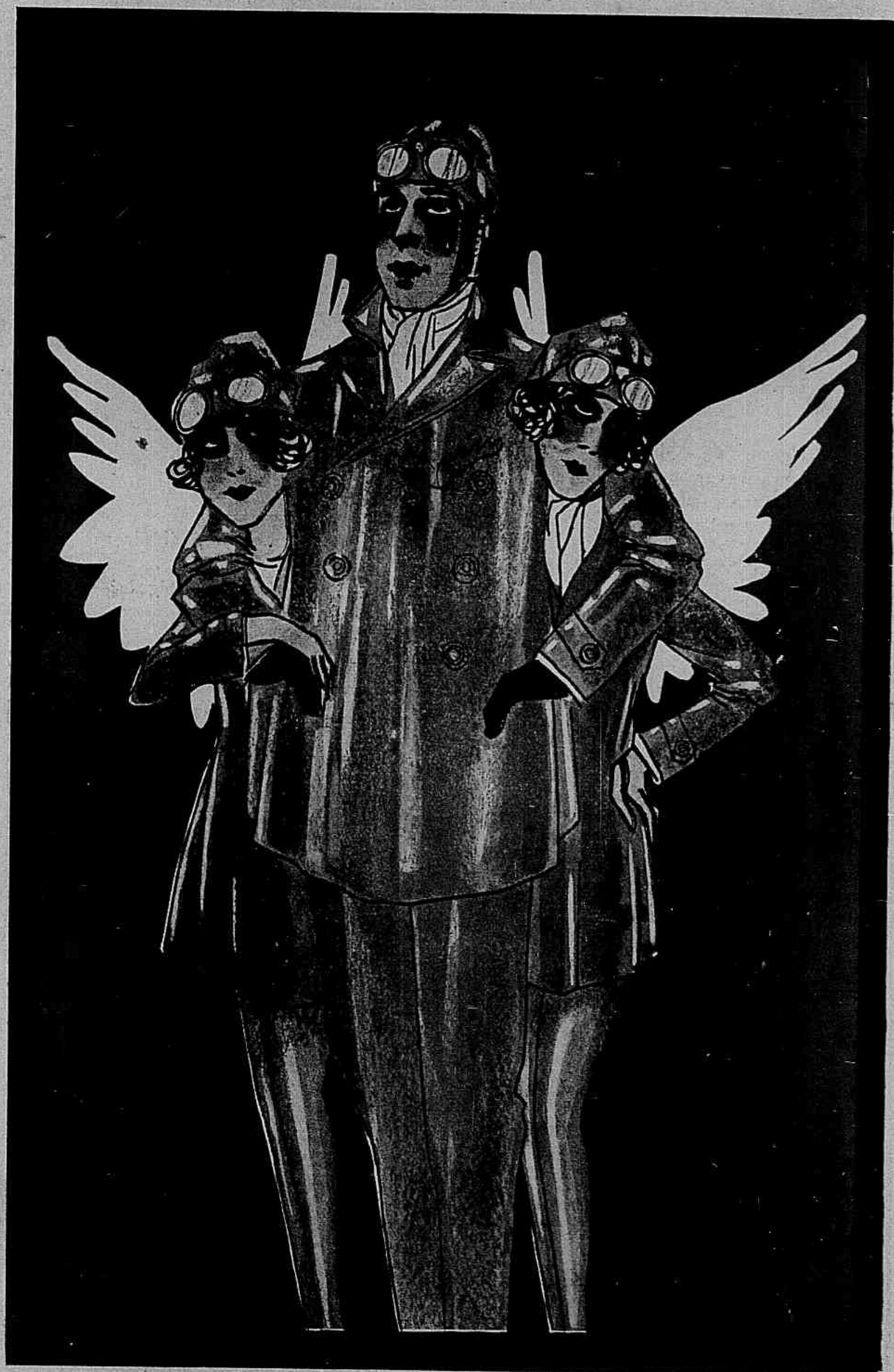
E o pirralho, olhando-se a si mesmo:

— Mãesinha, quando eu estava para nascer tu guardavas no bolso da saia a piteirinha do papae? Guardava?

X. X.

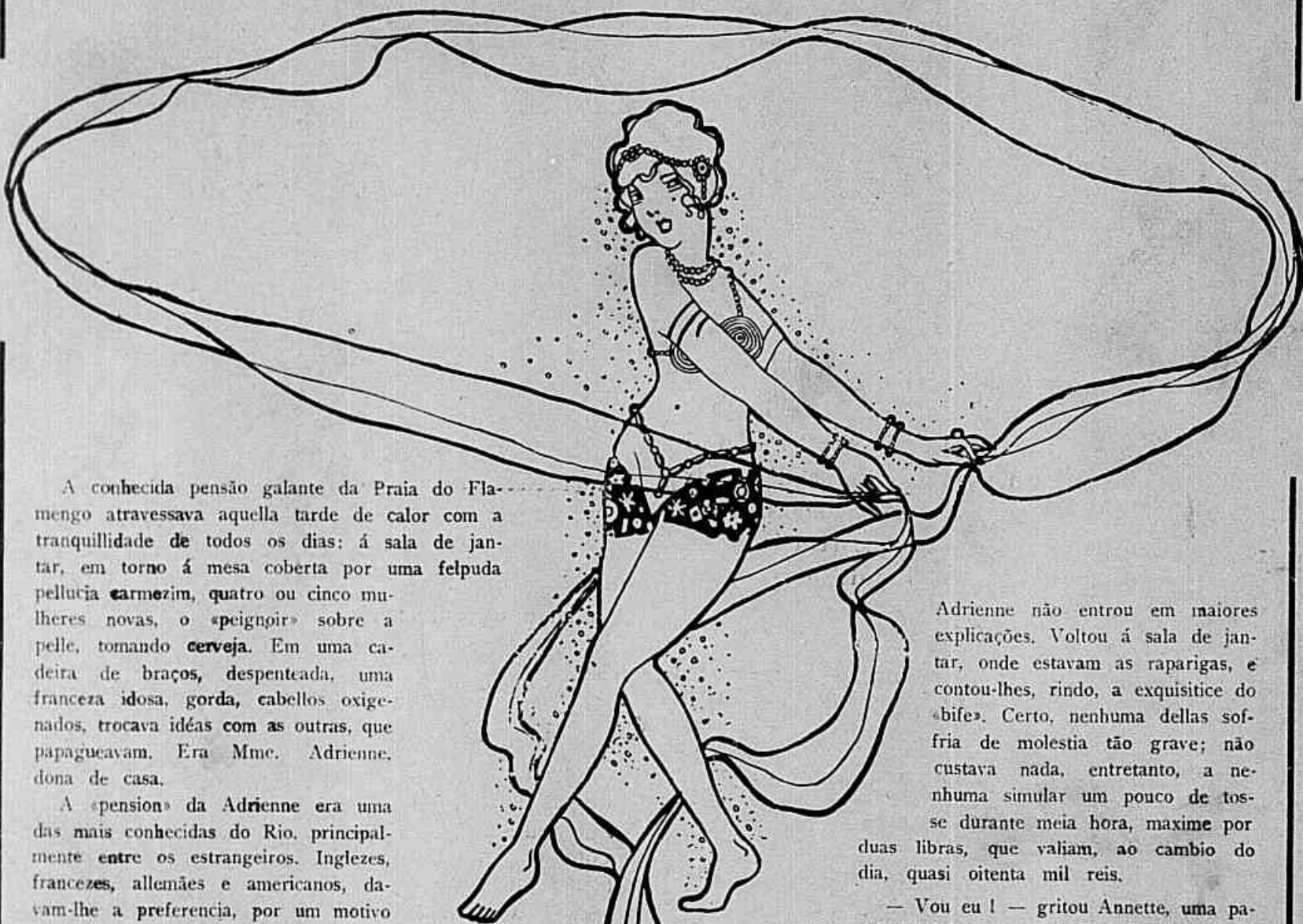


OS IDOLOS DO SECULO



IV — O AVIADOR

O TYSICO



A conhecida pensão galante da Praia do Flamengo atravessava aquella tarde de calor com a tranquillidade de todos os dias: á sala de jantar, em torno á mesa coberta por uma felpuda pellúcia carmezim, quatro ou cinco mulheres novas, o «peignoir» sobre a pelle, tomando **cerveja**. Em uma cadeira de braços, despenteada, uma franceza idosa, gorda, cabellos oxigenados, trocava idéas com as outras, que papagueavam. Era Mme. Adrienne, dona de casa.

A «pensão» da Adrienne era uma das mais conhecidas do Rio, principalmente entre os estrangeiros. Inglezes, francezes, allenães e americanos, davam-lhe a preferéncia, por um motivo razoavel: as pensionistas eram sempre bonitas e jovens, apesar de em pequeno numero. De vez em quando, entrava para a confraria uma ingleza, uma austriaca, uma americana; o estado-maior era, porém, constituido de silhuetas parisienses, muito chics, muito claras, muito distinctas, e inexcediveis na arte de esvasiar uma carteira entre duas taças de vinho espumante.

Naquelle tarde quente, discutim ellas futilidades de modas e preços de vestidos quando resoaram passos, abafadamente, na escadaria coberta de tapetes. Ouvido experiente, acostumado áquelle rumor agradável aos seus sentidos gananciosos, mme. Adrienne levantou o corpanzil fatigado, encaminhando-se para a sala de espera, onde o visitante havia parado. Era um inglez, alto, magro, olhos azues, rosto cortado de vincos fundos. Trajava terno de brim branco, chapéo de massa cinzento, e botinas amarellas, de duas solas.

— Bom dia, mister! — saudou a megéra, mostrando, uma gentileza acolhedora, toda a sua dentadura postíca.

— Bom dia, senhorra! — respondeu o recém-chegado, a cara enigmatica.

Sem mais preambulos, Adrienne foi offerecendo:

— Quer vêr as meninas?

— Non, senhorra. Senhorra mesmo escolhe. Mim quer um pequena seja tysica.

— Tysica? — estranhou a dona da pensão, arregalando os olhos.

— Sim, senhorra. Tysica; tuberculosa.

E accentuou, o chapéo na cabeça:

— Mim quer beijar um mulher tuberculosa... Paga dois libras.

Acostumada ás excentricidades britannicas, mme.

Adrienne não entrou em maiores explicações. Voltou á sala de jantar, onde estavam as raparigas, e contou-lhes, rindo, a exquisitez do «bife». Certo, nenhuma dellas soffria de molestia tão grave; não custava nada, entretanto, a nenhuma simular um pouco de tosse durante meia hora, maxime por duas libras, que valiam, ao cambio do dia, quasi oitenta mil reis.

— Vou eu! — gritou Annette, uma parisiensinha muito loura, de bocca pequena como um cravo.

— Eu vou! — offereceu-se Andrée, uma belga elegante, forte, de cabellos castanhos e olhos cinzentos.

— Vae Annette mesmo! — sentenciou a dona da casa, tomando a rapariga pela mão para ir apresental-a ao inglez.

Vinte minutos depois, com as duas libras na mão, já na escada, Annette quiz saber do seu namorado de um instante, o motivo por que elle dezejáva beijar, com tamanho interesse, uma mulher tuberculosa.

— Senhorra non estava tysica? — indagou, parando, o «bife».

A rapariga deu uma gargalhada:

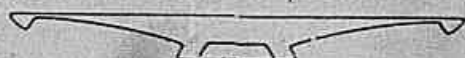
— Eu, não! Não vê logo? Eu queria era as duas libras...

— Mas, agora, senhorra estarr tuberculosa. E como Annette o olhasse, rindo, concluiu, grave, batendo no peito:

— Porrqe mim estarr tuberculosa, ultima grráo.

Annette cahiu, numa syncope

Batu Allah



PESCANDO NOIVO

A tarde decorria admirável, como acontece, geralmente, pelo verão, na praia de Botafogo. E mais formosa parecia, ainda, no tumulto da alegria do povo, que convergia para alli, em bondes, em automoveis, e, mesmo, a pé, afim de assistir ás regatas daquelle dia.

Vista do mar, a enseada semelhava uma grande cesta de flôres, enfeitada a capricho. Debruçadas no caes, milhares de senhoras, de «toilettes» claras e risonhas, eram como pequenas rosas em torno de um vaso de cristal. E no meio, a agua azulada ou verde, refflectindo o céu muito limpo, e toda semeada de embarcações ligeiras e esguias, onde se aprumavam, como alfinetes numa almofada, os bustos, quasi nús, dos remadores vigorosos.

O primeiro pareo tinha sido, já, disputado. Seis embarcações, a quatro remos, haviam partido, céleres, ao signal do juiz. E era de ver o entusiasmo, o nervosismo, com que, da muralha do caes, do pavilhão, e das lanchas que cruzavam a bahia, a multidão acompanhava, gritando, fremindo, a sorte daquelle torneio.

A principio, uma das baleeiras tomou a deanteira, levando as outras de vencida, e deixando muito atraz uma, em que se depositava, ao que parece, maior confiança. De repente, porém, a que ficara por ultimo começou a avançar. Em breve, estava prôa a prôa com a mais proxima. Um minuto depois, vencia a segunda e, um instante mais, a terceira.

— Puxa, Zizi! Puxa! — gritavam entusiastas, do caes.

— Avança! Avança! Avança! — berravam outros, do pavilhão.

Um delirio indescritivel apoderava-se dos remadores da baleeira. Os remos batiam nagua mais rapidos, mais profundos, fazendo curvar, num rythmo forte, a tripulação valorosa. Mais algumas remadas, e a baleeira formidavel passava, vencendo palmo a palmo, a que ia na frente.

— Passoul... Passoul... Passoul... — gritavam milhares de boccas.

Não havia mais duvida: os rapazes da «Rouxinol» estavam victoriosos. E foi com um «hurrah» tornitroante que a multidão saudou, de ponta a ponta, no caes, a victoria daquelle guarnição soberba, destinada, naquelle anno, aos louros do Campeonato. As lanchas apitaram, um morteiro reboou, e uma salva de palmas, de gritos, de blasphemias divinas, subiu ao céu, num grande côro, sonorizando ruidosamente a enseada.

Momentos depois, cessado o tumulto, dispersavam-se pela bahia vencidos e vencedores. Baleeiras e yoles aproximavam-se da muralha, vogando, para que os rapazes recebessem os parabens ou as censuras dos conhecidos. E era uma dellas que passava a uns vinte metros, guarnecida por uns doze ou quatorze atletas, quando a Luizinha, debruçada no caes, começou a dizer-lhes adeus, com o lenço.

O vulto da moça era tentador. De azul claro, chapéo preto, rosto suavemente moreno, mostrava ter, á distancia, uns vinte annos. Parecia bonita, e realmente o era, e os rapazes, como regidos por um mesmo pensamento, passaram a remar no seu rumo. Em seguida afas-

taram-se, mas para voltar de novo. E ella sempre a accenar-lhes, numa expressão de sympathia, com a aza daquelle lençinho branco...

Ao lado da moça, Dona Jesuina, mãe daquelle turqueza viva, olhava, interessada, os movimentos da filha. Entre aquella baleeira e ella, havia, positivamente, um iman. Qual seria, porém, daquelles rapazes, o namorado? Certo, havia de ser um d'elles, o objectivo daquelles adeuses tão insistentes.

Intrigada, a boa senhora interveio:

— Para onde estás accenando assim, Lulu?

— Para aquella baleeira... — informou a moça, sem parar com o lenço.

A matrona olhou, examinando a guarnição.

— E daquelles rapazes, qual é o teu namorado?

A mocinha olhou para um lado, olhou para outro, observando se alguém a ouvia. E como se sentisse segura, confessou, ao ouvido da velha:

— A falar verdade... ainda não sei!

E continuou a tentar os rapazes, agitando o lenço...

João Lapis

A cidade devota

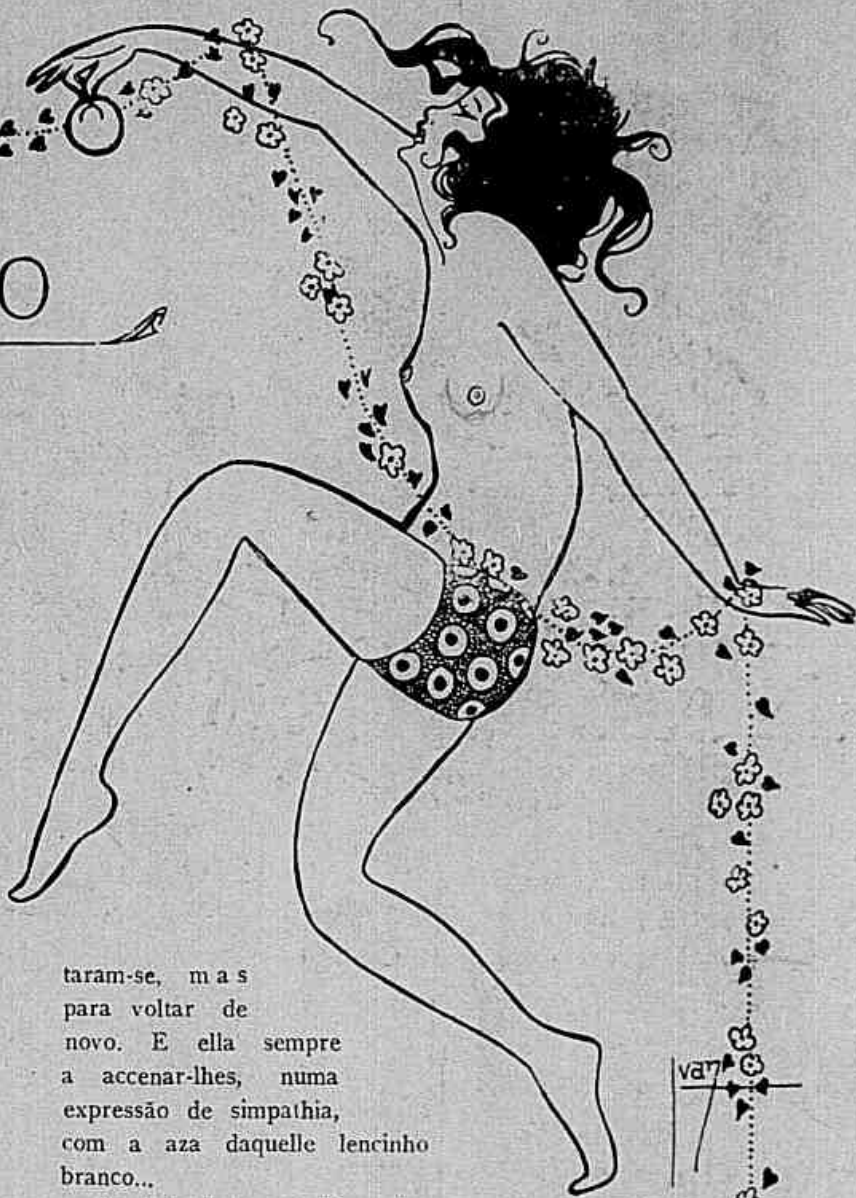
A situação nacional, após a tentativa de um movimento militar, fez lembrar durante 24 horas, os tempos de alarme, em novembro de 1904.

Por essa epoca, foi a população scientifiçada de que se devia recolher á casa após o tiro de canhão, dado, a certa hora, pela fortaleza de Santa Cruz. Commentando essa disposição do governo, pilheriava Emilio de Menezes:

— Este Rio, mesmo, não evolue. Ha um seculo, a população se recolhia pelo signal do Aragão.

E concluia, rindo:

— Agora, é... pelo signal da Santa Cruz!



var

Uma vítima



Si alguém tivesse de contar em verso aquelle episodio grave da honrada vida do dr. Silviano Braga, principiaria, sem duvida, com aquelle verso de Alberto de Oliveira:

«Era um habito antigo que elle tinha...»

E era, mesmo. Diplomado em engenharia nos Estados-Unidos, o dr. Silviano trouxera daquelle paiz, com a paixão pelo whisky, a mania do bigode á americana. Era um bigodinho insolente, duro, aspero como piassava, cortado á tezoura, e que lhe ornava o labio superior como a relva enfeitada, depois da primeira chuva, os terrenos que o verão calcinou.

Somente com o bigode, o dr. Silviano atravessaria a vida sem a menor contrariedade; o whisky era, porém, a agua providencial daquella vegetação capilar, e de tal modo que um se tornara, quasi, o complemento do outro. Passado para o estomago, ou para a cabeça, o primeiro copo, era cuidado, logo, do beerrão, passar a lingua pelo beico, como a procurar, no labio superior, alguma gotta desgarrada. E assim se ficava elle, horas e horas, a esfregar o bigode com a lingua, até que adormecia, bebado, de nariz para o ar, mãos cruzadas sobre o peito e pés espalhados, negligentemente, sobre a mesa de jantar.

Certo dia, porém, o dr. Silviano desappareceu. Noticias publicadas pelos jornaes informaram que havia embarcado para o sul, em missão official, de onde regressaria no fim de dois mezes. E no fim de dois mezes estava elle, realmente, de volta, para procurar os amigos e tomar, como outr'ora, o seu whisky habitual.

Os amigos, ao vel-o, ficaram, po-

rém, perplexos. O homem estava differentissimo: faltava-lhe o bigode, o seu appendice caracteritico, e de tamanha originalidade na sua physionomia de caboclo da gemma.

— Então, puzeste abaixo o bigode? — indagaram os intimos.

— E' verdade, — confessou.

E informava:

— Ia me matando; sabe? Imaginem vocês que, uma noite, eu tanto passei a lingua por elle, que me cortei, e quasi morro!

Foi por esse tempo que, num salão de conhecidos, se falou na viagem que o dr. Silviano ia emprender aos Estados Unidos.

— Vae a negocio? — indagou um cavalheiro, que o não conhecia.

— Não, — informou um amigo. — Vae fazer um tratamento na lingua.

— Elle cortou a lingua? — perguntou uma senhora, interessada.

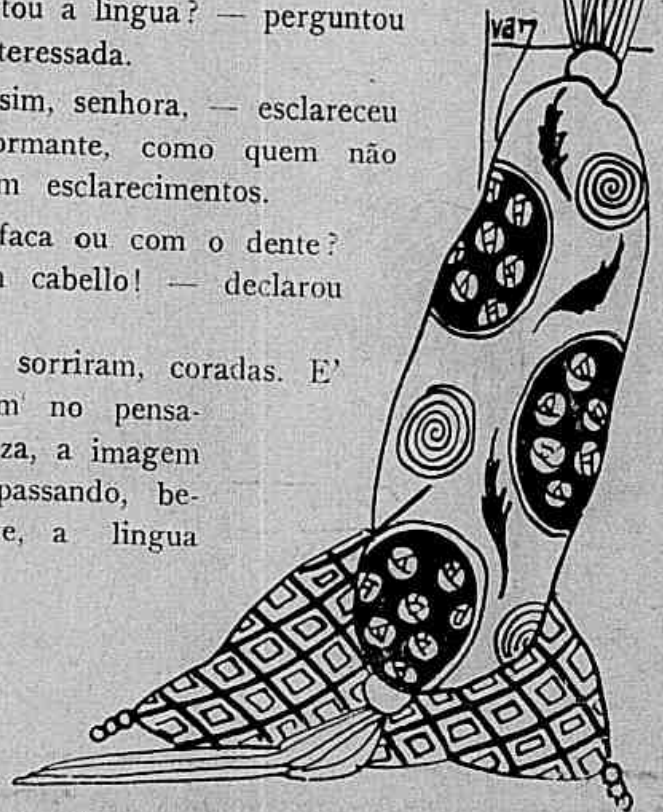
— Cortou, sim, senhora, — esclareceu o primeiro informante, como quem não dezeja entrar em esclarecimentos.

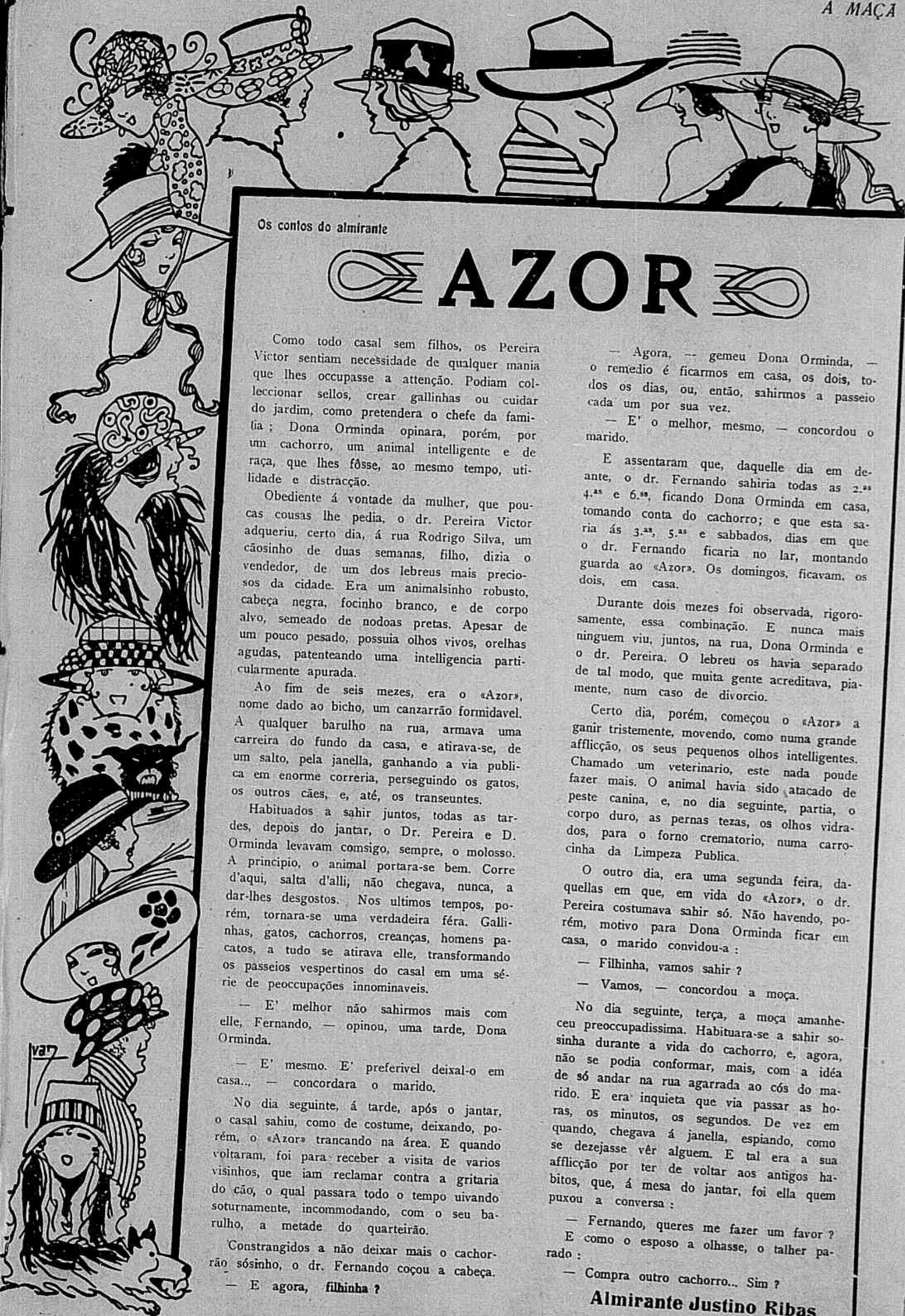
— Com a faca ou com o dente?

— Com um cabelo! — declarou o amigo.

As senhoras sorriram, coradas. E' que todas tinham no pensamento, com certeza, a imagem do engenheiro, passando, bebado, gulosamente, a lingua pelo bigode...

Yon





Os contos do almirante

AZOR

Como todo casal sem filhos, os Pereira Victor sentiam necessidade de qualquer mania que lhes occupasse a attenção. Podiam colleccionar sellos, crear gallinhas ou cuidar do jardim, como pretendia o chefe da familia; Dona Orminda opinara, porém, por um cachorro, um animal intelligente e de raça, que lhes fôsse, ao mesmo tempo, utilidade e distracção.

Obediente á vontade da mulher, que poucas cousas lhe pedia, o dr. Pereira Victor adquiriu, certo dia, á rua Rodrigo Silva, um cãozinho de duas semanas, filho, dizia o vendedor, de um dos lebreus mais preciosos da cidade. Era um animalzinho robusto, cabeça negra, focinho branco, e de corpo alvo, semeado de nodos pretas. Apesar de um pouco pesado, possuia olhos vivos, orelhas agudas, patenteando uma intelligencia particularmente apurada.

Ao fim de seis mezes, era o «Azor», nome dado ao bicho, um canzárrão formidável. A qualquer barulho na rua, armava uma carreira do fundo da casa, e atirava-se, de um salto, pela janella, ganhando a via publica em enorme correria, perseguindo os gatos, os outros cães, e, até, os transeuntes.

Habitados a sahir juntos, todas as tardes, depois do jantar, o Dr. Pereira e D. Orminda levavam consigo, sempre, o molosso. A principio, o animal portara-se bem. Corre d'aqui, salta d'alli, não chegava, nunca, a dar-lhes desgostos. Nos ultimos tempos, porém, tornara-se uma verdadeira féra. Gallinhas, gatos, cachorros, creanças, homens pacatos, a tudo se atirava elle, transformando os passeios vespertinos do casal em uma série de preoccupações innomináveis.

— E' melhor não sahirmos mais com elle, Fernando, — opinou, uma tarde, Dona Orminda.

— E' mesmo. E' preferivel deixal-o em casa... — concordara o marido.

No dia seguinte, á tarde, após o jantar, o casal sahiu, como de costume, deixando, porém, o «Azor» trancando na área. E quando voltaram, foi para receber a visita de varios visinhos, que iam reclamar contra a gritaria do cão, o qual passara todo o tempo uivando soturnamente, incomodando, com o seu barulho, a metade do quarteirão.

Constrangidos a não deixar mais o cachorrão sózinho, o dr. Fernando coçou a cabeça.

— E agora, filhinha?

— Agora, — gemeu Dona Orminda, — o remedio é ficarmos em casa, os dois, todos os dias, ou, então, sahirmos a passeio cada um por sua vez.

— E' o melhor, mesmo, — concordou o marido.

E assentaram que, daquelle dia em diante, o dr. Fernando sahiria todas as 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as}, ficando Dona Orminda em casa, tomando conta do cachorro; e que esta sahiria ás 3.^{as}, 5.^{as} e sabbados, dias em que o dr. Fernando ficaria no lar, montando guarda ao «Azor». Os domingos, ficavam, os dois, em casa.

Durante dois mezes foi observada, rigorosamente, essa combinação. E nunca mais ninguem viu, juntos, na rua, Dona Orminda e o dr. Pereira. O lebreu os havia separado de tal modo, que muita gente acreditava, piamente, num caso de divorcio.

Certo dia, porém, começou o «Azor» a ganir tristemente, movendo, como numa grande afflicção, os seus pequenos olhos intelligentes. Chamado um veterinario, este nada poudo fazer mais. O animal havia sido atacado de peste canina, e, no dia seguinte, partia, o corpo duro, as pernas tezas, os olhos vidrados, para o forno crematorio, numa carrocinha da Limpeza Publica.

O outro dia, era uma segunda feira, daquellas em que, em vida do «Azor», o dr. Pereira costumava sahir só. Não havendo, porém, motivo para Dona Orminda ficar em casa, o marido convidou-a:

— Filhinha, vamos sahir?

— Vamos, — concordou a moça.

No dia seguinte, terça, a moça amanheceu preocupadissima. Habitua-se a sahir sozinha durante a vida do cachorro, e, agora, não se podia conformar, mais, com a idéa de só andar na rua agarrada ao cós do marido. E era inquieta que via passar as horas, os minutos, os segundos. De vez em quando, chegava á janella, espiando, como se dezesse ver alguem. E tal era a sua afflicção por ter de voltar aos antigos habitos, que, á mesa do jantar, foi ella quem puxou a conversa:

— Fernando, queres me fazer um favor?

E como o esposo a olhasse, o talher parado:

— Compra outro cachorro... Sim?

Almirante Justino Ribas

ZIST
RIO 1922



ELLA — Meu Deus, é elle! Deixa-me ir pendo a dentadura...

PÉS... DE ANJO



CHICO NETTO (Do Fluminense)

(Leia a pagina seguinte)

O fracasso do feminismo

A roda não podia ser mais fina, mais chic, mais selecta. Oito senhoras, das mais lindas da cidade, grazinavam em torno á mesa, orlada pelas toilettes de noite e pelo faiscar do peitilho dos homens. E o assumpto geral, em seguida a uma série de assumptos particulares, era o feminismo, a situação que a mulher vem conquistando, dia a dia, sobre a tyrannia dos homens.

— Eu, por mim — aparteu o almirante Ribas, limpando no lenço de sêda o seu grave «pince-nêz» de aros de ouro, — eu, por mim, não acredito que as mulheres se sintam felizes quando se equipararem ao homem. Essa condição de egualdade já a tiveram uma vez, e fôram as primeiras a declinar, preferindo-a, mil vezes, á situação antiga. Não conhecem, porventura, o episodio?

As damas circumstantes não o conheciam, e queriam saber como fôra o caso.

— Conte, almirante; conte! — pediram, unânimes.

O querido marinheiro collocou o «pince-nez», cuidadosamente, sobre o nariz aquilino, e começou a narrativa, que lera não sabia onde:

— Certa vez, ha muitos annos, as senhoras francezas, que iam, como sempre, na vanguarda da civilização, reuniram-se em concilio para estudar a situação da mulher no seio da humanidade. Achavam ellas que o homem era escandalosamente protegido na distribuição dos soffrimentos da especie, e resolveram enviar ao Padre Eterno uma commissão feminina, protestando contra essa regalia clamorosa. Chegada ao céu, a oradora explicou:

— «Senhor, nós dezejamos, apenas, que se nos faça justiça, dando uma distribuição mais equitativa aos males que nos affligem. Nós, mulheres, temos, no mundo, toda a sorte de soffrimentos. Todos os meses, sem necessidade nenhuma, passamos dias ingratos, que nos perturbam a vida; e quando a humanidade tem de ser augmentada de mais uma creatura, é a nós que compete soffrer dolorosamente, enquanto que o homem, inteiramente livre, não soffre nem uma cousa nem outra.

O Senhor meditou um momento, a testa franzida. De repente, sentenciou:

— Vocês têm razão, têm. A distribuição está mal feita. A natureza possui, porém, as suas regras, e ninguém pôde modificar as regras estabelecidas pela natureza. Vamos, entretanto, combinar uma cousa: a mulher continuará a ter os soffrimentos de todo o mez, e a carregar nas entranhas os novos rebentos da humanidade, mas com uma alteração: no momento de lançal-o ao mundo, não sentirão mais dores, as quaes terão de ser soffridas,

de agora em diante, pelo pae... Está bem assim?

As damas sorriram, encantadas com o a-

colhimento, agradeceram a alteração feita, que as livrava de soffrimentos penosos, e voltaram á terra. Nove mezes mais tarde, uma dellas, percebendo os phenomenos da maternidade, procurou o leito, e deitou-se, aconselhando ao esposo que fizesse o mesmo, porque as dores não tardavam. A phisionomia da senhora não manifestava a menor tortura, a dor mais leve, mais simples, mais ligeira. Sorria e conversava, com a maior naturalidade. Em frente a ella, estirado, o marido aguardava, tambem, o soffrimento terrível, destinado, pela primeira vez, a um homem. Pessoas amigas cercavam-n'o, um vidro de ether na mão, para soccorrel-o.

De subito, o sorriso nos labios, a bôa senhora, a um simples movimento do corpo, lançou ao mundo a creança. Em frente a ella, o marido sorria, tambem, sem soffrer nada. Certo, o bom Deus fizera a cousa melhor do que promettera. E o pobre homem já se ia levantar, satisfeito do successo, quando se ouviu, na sala de jantar, um grito horrível, seguido de outros. As pessoas correram, atônitas. Era o primo da parturiente, que se debatia, afflicto, em dores atrozes!...

As damas que ouviam o almirante, abanaram-se, vermelhas. O velho lobo do mar fez-se, porém, desentendido, e concluiu a historia:

— Dois dias depois batiam, de novo, á porta do Céu. Eram as damas de Paris que, reconhecendo que o Senhor era mais sabio do que ellas, iam pedir-lhe, de joelhos, a volta immediata do antigo estado de cousas...

Fantasio Junior

AMEAÇA

O conhecido juiz, homem queridissimo e integro magistrado, é um dos homens mais feios da cidade. Madame, que é linda, não lhe perdôa esse defeito.

Ha dias, numa discussão domestica, elle affirmara:

— E' falso; eu já te disse que não fui lá, e não fui.

— Mas eu sei que tu fôste!

O magistrado irritou-se. Era um desafôro. Conteve-se, porém, e bradou:

— Vê o que dizes! Tu achas, então, que eu sou um homem de duas caras?

Madame não se dominou. Soltou uma das suas gargalhadas retumbantes, e accentuou:

— Deus te livre, filho! Com uma só tu já me mettes medo, imagina com duas d'essas!...

Subiram os autos.

ALCOVA DOS POETAS

SENSUAL

Quando, longe de ti, solitaria, medito
Neste affecto pagão que envergonhada occulto,
Vem-me as narinas, logo, o perfume exquesito
Que o teu corpo desprende e ha no teu proprio vulto.

A febril confissão d'este affecto infinito
Ha muito que, melrosa, em meus labios sepulto,
Pois teu lascivo olhar em mim prega-lo, fito,
A' minha castidade é como que um insulto.

Si acaso te achas longe, a colossal barreira
Dos protestos que, outr'ora, eu fizera a mim mesma
De orgulhosa virtude, erige-se altaneira.

Mas, si estás a meu lado, a barreira desaba,
E sinto da volupia a ascosa e fria lêsma
Minha carne polluir com repugnante baba...

Gilka Machado

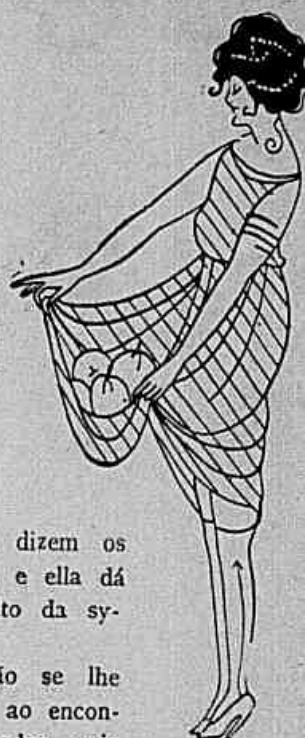


ODORANS

Dentifricio medicinal. O unico que evita a carie e o mau halito.
A experiencia custa apenas 2\$500. A' venda em toda parte.
Deposito geral: CASA HERMANNY — Rio.

PÊS... DE ANJO

CHICO NETTO



No anno de 1891 andava o sr. dr. Alfredo Ellis pelo interior de São Paulo em excursão eleitoral, quando, ao chegar em uma villa, o fôram chamar, com urgencia. Era que, em uma fazenda proxima, pertencente a um dos republicanos mais queridos da região, uma virtuosa senhora gemia, desolada, com os prenuncios da maternidade.

Não obstante o seu afastamento da medicina, o futuro senador correu, solícito, a prestar os seus serviços profissionais. E, uma hora depois, assignalava, nervoso, á cabeceira da cama:

— E' homem, e vem muito bem. Vem de cabeça!

A primeira cabeçada famosa que Chico Netto deu no mundo, foi essa, para nascer. Marcado o «goal», o pae declarou, peremptorio:

— Ha de chamar-se Francisco!

E surgiu, assim, para a vida, num primeiro golpe de cabeça, aquelle que se devia chamar, na vida civil, Francisco Bueno Netto, e que seria, mais tarde, o temivel Chico Netto dos campos de foot-ball.

A infancia do menino que o dr. Alfredo Ellis saudou á bocca da urna, isto é, no limiar da vida, é, ainda, pouco conhecida. Segundo uns, elle foi raptado, aos dois annos de idade, por uns ciganos, que o levaram para o interior de Minas. Outros affirmam, porém, que elle fugiu espontaneamente de casa. O certo é, que o vamos encontrar, já rapazola, em Ouro-Preto, a brincar com espheras de borracha nos mesmos logares historicos em que Marília brincava, sem marcar o «goal», com as de Thomaz Antonio Gonzaga.

Reconduzido a São Paulo pelo pae, quiz este, que era advogado, que o filho seguisse a mesma carreira.

— Queres entrar para a Faculdade, Francisquinho?

— indagou o velho.

O menino arrepiou-se. Tinha a cabeça resistente pelo lado de fóra, e, para que o Direito não entrasse torto, preferia o commercio. E entrou, effectivamente, para o commercio, como empregado de uma casa de commissões installada, então, nas proximidades do Triangulo.

Foi por esse tempo que Chico Netto se iniciou no foot-ball. Socio do São Bento F. C., que então reunia alguns dos melhores jogadores paulistas, conseguiu o futuro «back» do Fluminense tornar-se, em pouco, uma das primeiras figuras não só do seu gremio como, em geral, dos meios sportivos da Paulicéa. Os seus golpes de cabeça eram espantosos. E foi com essa fama de jogador eximio que elle chegou, ha dez annos, ao Rio de Janeiro, para assistir a uma das partidas sensacionais d'aquella epoca.

No Rio, o nome de Chico Netto ganhou, logo, a merecida nomeada. O Fluminense, para onde o convidaram assim que elle se decidiu a ficar entre nós, recebeu-o com effusão, como quem recebe, antes de uma batalha perigosa, a adhesão de um general.

— Como se chama aquelle jogador?

— indagou um cavalheiro edoso, ao vel-o pela primeira vez.

— E' o Chico Netto, papae. — informou uma menina, ao lado.

E o ancião:

— Sim, senhor! Se o Netto é assim, imaginem o avô, como não será!..

Chico Netto era, e é, effectivamente, um jogador assombroso. Agil, e sabendo, como nenhum outro, assumir a sua posição no campo, a impressão que se tem é que elle não procura a bola, mas que é a bola que vae, obediente, para receber o seu golpe.

— Elle tem iman na cabeça! — dizem os adversario. — Manda-se a bola ao «goal», e ella dá meia volta para ir bater-lhe, certo, no alto da synagoga!

E é assim mesmo. Em campo, não se lhe observa um esforço, uma violencia, para ir ao encontro da bola. E, no entanto, não ha jogador mais correcto, nem mais leal com o adversario. Polido e cavalheiroso, não discute, não grita, não protesta. Se incorre numa penalidade, é o primeiro a accusar-se, apontando-a ao juiz. E é isso, exactamente, o que lhe dá uma certa ascendencia entre os seus pares, que o respeitam como jogador e como homem.

Fora do campo, o seu prestigio é, igualmente, enorme. As namoradas vão-lhe ao coração, como as bolas lhe vão a cabeça. Certo dia, teve elle um triumpho notavel sobre um club inimigo. Foi um delirio. As archibancadas estremeceram, abaladas pelo barulho da ovação. E quando tudo serenou, foram encontrados no campo unicamente dois chapéos de homem, mas, em compensação, havia, espalhados na grama, duzentos e vinte um leques, dezeseite chapéos de senhora, noventa e quatro ligas, sete sapatos Luiz XV, nove «sontiens-gorge» e uma «combinação», de seda azul, inteiramente molhada de lagrimas!

Durante alguns annos, foi o seu coração atormentado por um grave sentimento intimo, que o ia levando á guerra contra a Allemanha. A diplomacia entrou, porém, em campo, e a crise passou. E quando a calma voltou ao espirito dos espectadores, estava Chico Netto casado com uma senhorita da melhor sociedade carioca, creatura encantadora pela graça, pela formosura e pela bondade, — cuja suave companhia não lhe foi permitido gosar, entretanto, por muito tempo na vida.

Viuvo, Chico Netto recolheu-se. O «foot-ball», onde conquistara aquelle coração puro, que não bateria mais, despertava-lhe recordações dolorosas. Os seus musculos reclamavam, porém, exercicios violentos. Tentou o box. Experimentou a lucta romana. E como lhe falassem em sports nauticos, treinou para uma regata.

No dia da pugna, tomou o seu lugar na embarcação e, dado o signal de partida, arrancou como uma flexa. Nunca se vira corrida mais brilhante. Ao fim, porém, de cem metros, largou o remo, e cahiu para o fundo do barco, arquejando. Deram-lhe ether para cheirar. Applicaram-lhe injecções. E Chico Netto voltou á vida com a convicção de que não nascera para a agua, mas para os encontros no secco, em terreno seguro.

Actualmente, está elle, de novo, em evidencia. Com uma sorte enorme não só nos amores como no jogo, tirou cinco contos na loteria do Rio Grande e comprou um automovel. E é com elle que atravessa, hoje, a cidade, fazendo convergir para o seu lado os olhares de centenas de creaturas.

A sua passagem por uma rua causa, sempre, alvoroço.

(Cont. na pag. «Potlins»)



ANTHOLOGIA GALANTE

RITINHA

(Página d' "O TURBILHÃO")



As lavadeiras, em zangalhada, chalrayam, cantavam, batiam a roupa, ao sol; pe-

quenos, em fraldas de camisa, empinavam papagaios. Na casa contigua uma machina de costura estrepitava e a voz rouca de um homem cantarolava amores. Ritinha, que não apparecera, pouco depois do mulato haver sahido, perguntou do fundo da casa:

— O senhor quer uma chicara de café?

Paulo estremeceu á voz da rapariga e, sorrindo, respondeu vagaroso:

— Não sou pebre soberbo.

E, entre os dois, com a cortina de permeio, travou-se um curto dialogo.

— E o senhor que fugiu daqui?

— Não...

— Por que não tem apparecido?

— Trabalhos.

— Faço idéa!

— Palavra. Estou com os estudos.

— Então não póde tirar uma hora, ao menos, para vêr a gente?

— Vontade não me falta.

E, folheando distrahadamente o almanach, sorria.

— Gosta com muito assucar?

— Não muito.

Soaram passos no corredor e Ritinha, afastando a cortina, passou o braço roliço offerecendo-lhe a chicara de café. O estudante, não lhe podendo ver o rosto, perguntou:

— Está com vergonha de mim?

— Eu, não.

— Então por que não apparece?

Um risinho infantil foi a resposta, mas, pouco depois, o rosto risonho da mulata mostrou-se; com os olhos muito pretos e vivos, a boca vermelha e humida entreaberta descobrindo os dentinhos brancos que reluziam.

— Quem é bonita como a senhora não se esconde.

— Bonita! eu? coitada de mim! Quem perdeu a boniteza para eu achar?

Paulo tomou a chicara e poz-se a chuchurrear o café lentamente, sorrindo para a mulata que se bamboleava dengosa.

— O senhor mandou Mamede muito longe?

— Ao Engenho Novo.

— Nossa Senhora! Fazer o que?

— A negocio...

— Negocio...! e esticou o labio carnudo, mordendo-o depois, com um sorvo, d'olhos faceiramente revirados. Por fim, derreando a cabeça, num quebranto, esticou o braço para receber a

chicara; o rapaz fitou-a abrasado. Que é que está me olhando? deixe vêr a chicara. Paulo ardia em volupia. Adiantou um passo, ainda indeciso, hesitante, com medo. Ella baixou os olhos fingindo-se distrahida; de repente, como se o houvessem impellido, achou-se no corredor, face a face com a rapariga. Ella encolheu-se, collada á parede, os braços cruzados como a defender o collo; estava em mangas de camisa, com uma saia de ramagens.

— Que é isto? O senhor está doido!? exclamou arrepiada, retrahindo-se. Paulo ficou a contemplar-a, sem uma palavra, tremulo, farejando o cheiro sensual que se desprendia daquella carne viçosa e ardega. Adiantou-se com a humildade de um vencido, balbuciando tremulamente: — Ritinha.

— Que é? fez ella, toda languida, d'olhos humidos, inclinando a cabeça sobre o hombro nu, muito liso. Elle estendeu a mão, ella curvou-se, arisca, encolhida: Olhe Mamede...! não se fie. Elle, ás vezes, diz que vai aqui, ali e, quando menos se espera, apparece. Dobrou-se, agachou-se, fazendo-se pequenina, evitando as mãos que a procuravam. Não faça isso... colleava e ria, nervosa. Não brinque assim... Eu quebro a chicara. De repente, muito séria, murmurou: Olhe que podem vêr... Essa gente da estalagem é muito bisbilhoteira. Paulo, porém, insistia e a mulata, a torcer-se com as coegas, ás gargalhadas nervosas, amollecia. Fique quieto... Fique quieto...

A chicara rolou tinindo. Fóra, a canario cantava estridulamente e estalava a roupa que as lavadeiras batiam.

Goelho Netto

A nova missão dos anjos

Em um dos ultimos dias de maio, foi São Pedro chamado á presença do Padre Eterno.

— Quanto temos em caixa, Pedro?

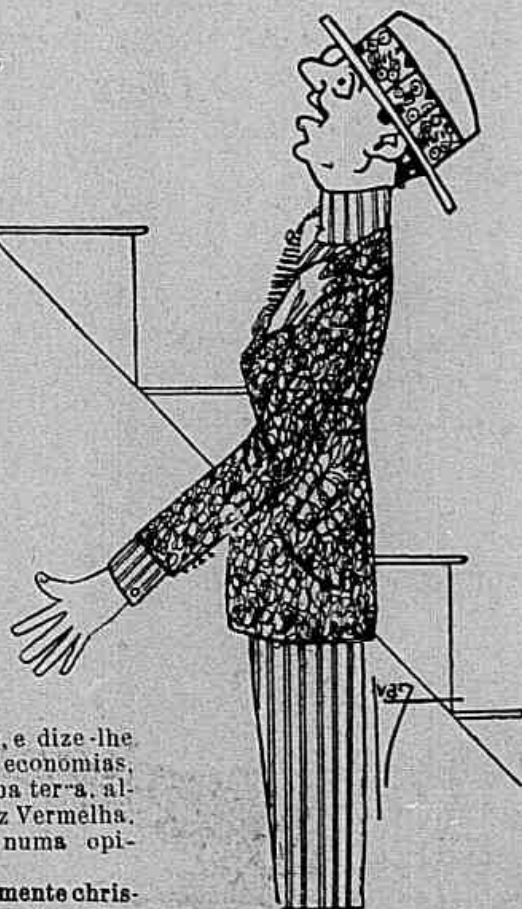
— Isso é com Lucas, Senhor.

— Pois, vá a elle, e dize-lhe que reúna todas as economias, e munde comprar, na terra, alguns bilhetes da Cruz Vermelha.

E após a ordem, numa opinião insuspeita:

— É uma obra altamente christã, que o Céu deve proteger.

E ahí está porque andam na terra tantos anjos, disfarçados em moças, comprando, aqui e alli, pedacinhos de bilhetes da grande loteria que Deus, no Céu, abençoou...





Galho DE URTIGA

Logar prohibido

E' um casal curioso, aquelle, das Laranjeiras. Elle é grosseiro, violento, brutal. Ella, bondosa, mansa, delicada. Um destes dias, elle entendeu de arrelial-a.

— E' um inferno esta casa! Vou me embora!

Tomou o chapéo, e desceu a escada. Chegado ao jardim, ella indagou da janella:

— Aonde vaes, Fulano?

— Aonde não é da sua «conta», — respondeu o bruto.

E ella, sem se alterar:

— Então, não passes na costureira... Sim?

«O Homem»

Em um dos ultimos concertos da Associação dos Empregados no Commercio, duas ou tres senhoras conversavam de etiqueta, quando uma se referiu, a proposito de hysticismo, ao romance «O Homem», de Aluisio Azevejo. Distrahida com a musica, mademoiselle, que se achava ao lado, não sabia do que se tratava, quando uma das damas indagou:

— Não conheces, Leonor?

— O que?

— «O Homem».

E a mocinha, insultada:

— Que pergunta, gente! Vocês não sabem, então, que eu sou solteira?

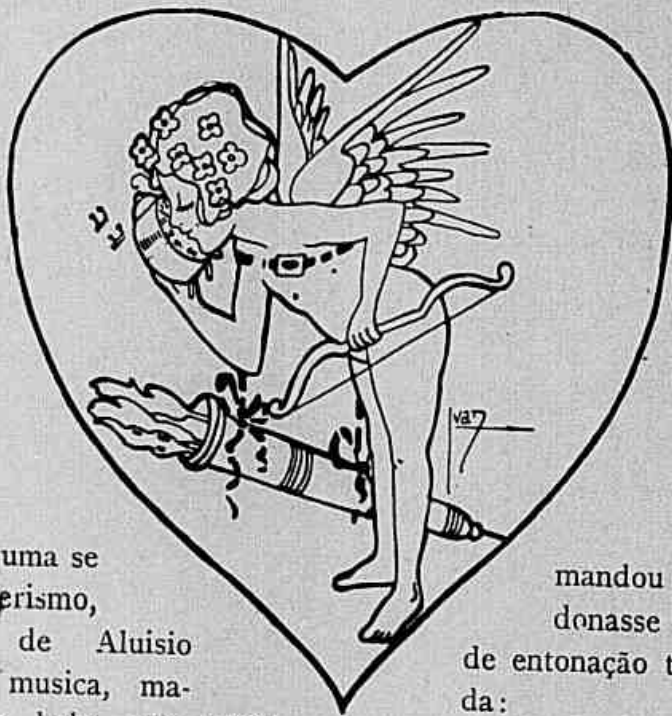
Porque elle ficou...

Em um bonde Real Grandeza-Leme, a jovem senhora contava á amiga:

— Imagina tu o que me succedeu. No dia da revolta do forte, eu convidei o Luiz para irmos passar uns dias com a mamãe. Elle me disse que não, que eu fosse, e que elle ficava em casa, arrumando as nossas cousas, pedindo-me que deixasse com elle a Cacilda, ama

secca da nossa filhinha. Terminado tudo, eu voltei. E tu não imaginas, menina, como eu encontrei a mulatinha. Está atrevida que parece que é ella, agora, a dona da casa!

E ella não terá sido, pelo menos, dois dias?



O Bombardeio

Assim que a guarnição do forte de Copacabana mandou avisar á população que abandonasse o bairro, a loura senhora, de entonação tão parisiense, ordenou á criada:

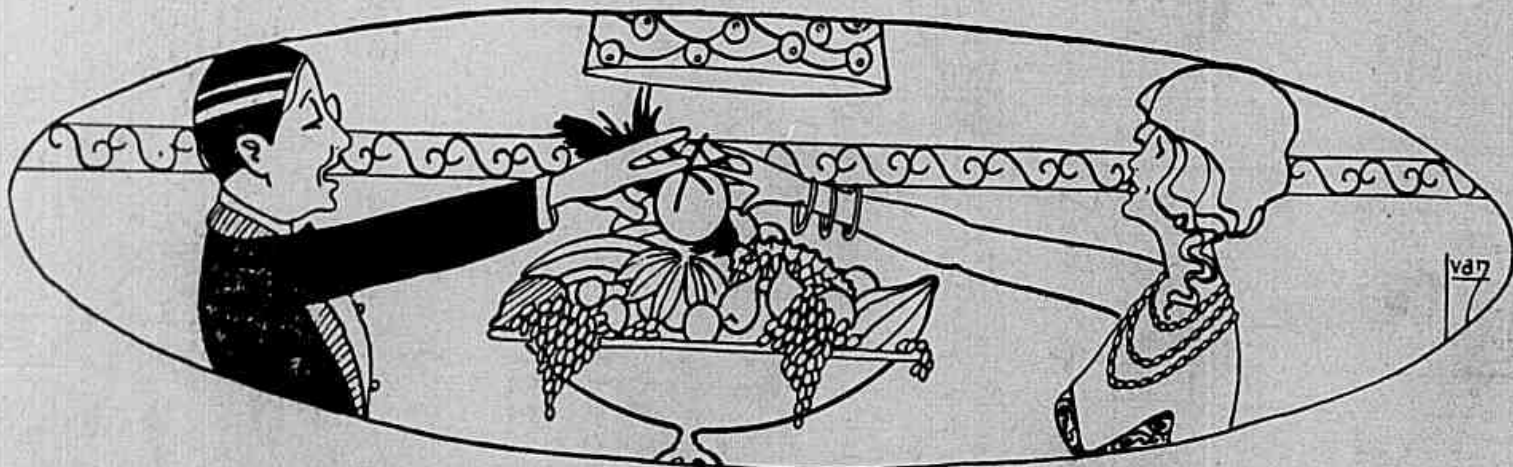
— Mathilde, põe na maleta as minhas joias e quatro camisas de seda.

E sem telephonar ao marido, desapareceu de casa.

Sabbado passado, madame voltou. Trazia apenas as joias e a camisa do corpo, e vinha com umas olheiras de metter pena.

Efectivamente, pouca gente soffreu tanto com o bombardeio...

Bico de Braza





Theatro Boccacio

O PARENTE POBRE

COMEDIA EM 2 ACTOS, DE JAN RICHORA

PERSONAGENS.

Laudelino — capitalista, 60 annos — Martha, sua esposa, 55 annos — Aleixo, primo em 4.º grão.

ACTO 1.º

Em casa de Laudelino, no escriptorio deste. Estylo burguez — Pela manhã.

SCENA 1.ª

Laudelino e Martha

(Laudelino examina um registro de contas quando entra Martha, visivelmente agitada).

MARTHA — Ella confessou tudo...

LAUDELINO — (continuando a ver as contas) E então?...

MARTHA — Foi o professor de canto...

LAUDELINO — O Fausto?... Ninguém diria... sempre atrasado... Dessa vez...

MARTHA — Pelo que vejo achas tudo isso muito natural...

LAUDELINO — Por que?

MARTHA — Fallas com uma indiferença...

LAUDELINO — Que queres tu que eu faça?

MARTHA — Procures remediar desde logo o mal...

LAUDELINO — Se o proprio Fausto não pôde remediar-o por ser casado... muito menos... eu que alem de ser casado... sou marido da mãe della...

MARTHA — Achas então que isso deve ficar assim mesmo... Por um pouco confessarias a tua satisfação com a infelicidade de nossa filha... só faltava que até nisso não quizesse fazer as cousas de accordo commigo... O nosso dever...

LAUDELINO — O dever é por conta do Fausto... Que queres que eu faça?... Achas que devo endossar o filho d'elle, quando até hoje não pude registrar na minha escripta, a «nossa» filha...

MARTHA — Não me importa a tua ironia; estou prompta para ouvir tudo... ao menos não te vingues numa infeliz que não tem culpa do nosso passado... E' cruel lembrar agora essas

cousas...

LAUDELINO — Não sei por que... No passado sempre ha muito que aprender... Ha apenas uma differença, no caso: teu pae procurou um parente rico... e eu procuro um parente pobre... (depois de examinar o registro) Cá está um que não parece máo negocio.

MARTHA — Como?... Estás negociando a Antonietta?!

DUO



— E qual o seu trabalho?
— Eu sou cantora
— Pois então eu a acompanho até a casa.

LAUDELINO — Estou defendendo a nossa tranquillidade e o patrimonio dos «nossos» netos... (jogando o livro sobre a mesa). Precisamos de um que não saque muito sobre o futuro... O Aleixo não está máo... E' economico... pontual... não abusa do credito... e comprehende a vida com muito senso practico...

MARTHA — Mas... o Fausto?

LAUDELINO — Se a Antonietta não sabe o que deve fazer agora d'elle... eu... devo saber?... O Fausto para ella acabou... Enterremos os mortos e tratemos dos feridos... Agora precisamos economisar um pouco, já que a familia vae ser augmentada... teremos mais duas boccas... sem contar com a ama... Ainda bem que dispensaremos o professor de canto... que cobrava vinte mil reis por lição... Já dá para a ama... Dispenso o cobrador das casas... O Aleixo fará a cobrança... nas horas vagas... Elle terá tempo... a mulher e o primeiro filho não lhe da-

rão muito serviço... por ora...

MARTHA — E tu achas que o Aleixo será um bom marido?

LAUDELINO — O Aleixo?!... Na nossa familia os maridos são sempre exemplares... modelos... embora se diga que são uns paes muito duvidosos...

MARTHA — Podias poupar-me essa humilhação...

LAUDELINO — Humilhação?!... Sei que de hoje em diante tua filha não terá nada a lançar-te em rosto... Nem ella nem teu genro... Poderás andar sempre de cabeça ergui-



A PENA DO TAL LEÃO (CAHEN)



- Vaes pôr o meu quadro no prego ?
- Vou. Vou fazer com elle o que fizeste com as minhas joias...

MATTA VIRGEM

Aos doze annos de idade, em uma festa do collegio, coubera á Miloquinha recitar, com aquella entonação pretenciosa que lhe assegurara mais tarde um premio de declamação, o formoso soneto de Bilac, que assim começa :

Como a floresta secular, sombria,

Virgem do passo humano e do machado...

A lembrança desses versos e á referencia, que sempre encontrava nos livros, ás «mattas virgens», causava-lhe, de vez em quando, certa perturbação. Tinha vontade de indagar da professora, mas sentia receio. E em casa, nas férias, não consultava o pae, porque se esquecia, ou porque não havia, mesmo, oportunidade. Certa vez, á mesa, perguntara, é certo, ao tio Casuza :

— Titio, que é «matta virgem» ?

— Matta virgem — respondeu-lhe o velho, numa «blague» — é aquella em que a mão do homem nunca poz o pé.

Essa evasiva garôta, seguida de uma gargalhada, deu a perceber á menina que se tratava, talvez, de uma pergunta inconveniente. E com essa convicção chegou ella aos dezeseite annos, quando sahiu do collegio para tomar conta da casa, após o divorcio do pae.

Foi por esse tempo, mais ou menos, que o commendador Bonifacio comprou aquella sua fazenda de Corrêas, em Petropolis, cujas terras se extendiam por quatro leguas de mattaria densa, a contar da margem do rio. E foi nessa fazenda, que a

Miloquinha sahiu, uma tarde, a passeio com o seu primo Oswaldo Bandeira, penetrando, sosinhos, pela matta, como se se quizessem perder, de proposito, naquelle oceano vegetal.

Em certo momento, o rapaz estacou.

— Aqui, — disse — é, já, matta virgem...

A essas palavras, a menina sentiu desejos de esclarecer, de uma vez, aquellas suas duvidas da meninice, aguçadas pela resposta do tio Casuza. Tinha confiança, quasi fraterna, no primo, e foi sem temores que lhe perguntou :

— Vavá, por que é que chamam isto «matta-virgem» ?

Simple e sem malicia, o rapaz informou:

— É por que é deshabitada, e ninguem passa por aqui.

— Por aqui, então, nunca esteve ninguem?

— indagou a mocinha, receiosa.

— Uma pessoa, ou outra; mas muito espaçadamente... — esclareceu o primo.

E após um instante de silencio :

— A matta virgem não é, propriamente, a floresta aonde nunca tenha ido ninguem; é aquella onde o homem já penetrou, mas sem deixar vestigio... Compreendes ?

Dias depois, conversava-se, á mesa do commendador, sobre a leviandade de umas mocinhas das vizinhanças, uma das quaes, casada. E foi ao referir-se a esta, que a menina observou :

— Mas, ella é virgem... Não é, papae ?

E como o velho a olhasse, vermelho de vergonha, accentuou, ingenua e, ao mesmo tempo, atrapalhada :

— Eu digo, papae, por que eu só vejo entrar, lá, uma pessoa ou outra...

E continuou, innocente, a encher a bocca de arroz.

Dr. Ox





da... Até eu... vou ficar mais aliviado... Afinal vou ter alguém que me ajude a carregar o... peso... do meu passado...

MARTHA — Ainda bem que resolveste tudo... Por mim... estou tão desorientada que nem sei o que fazer...

LAUDELINO — Mandar chamar o Aleixo...

ACTO 2.º

Mesmo scenario

SCENA 1.ª

Laudelino e Aleixo

LAUDELINO — Que surpresa!... Por aqui...

ALEIXO — E' que D. Martha...

LAUDELINO — (interrompendo) Já sei... já sei... estranhou a tua ausencia e tu vieste logo...

ALEIXO — O snr. queria fallar-me?...

LAUDELINO — Sobre um assumpto que te interessa...

ALEIXO — A mim?...

LAUDELINO — Eu sei que tu gostas de Antonietta...

ALEIXO — Naturalmente... Ella é tão bôa-sinha...

LAUDELINO — Não digo isso... tens vontade de casar com ella...

ALEIXO — Eu?!... Não Snr!... Nunca tive essa pretensão... O Snr. se engana... Eu a trato com muita amizade e com muito respeito tambem...

LAUDELINO — Não é preciso negar...

ALEIXO — Juro... até... se for preciso...

LAUDELINO — Um homem nunca deve jurar...

ALEIXO — Pois eu juro...

LAUDELINO — Se começar a fazer tolices... eu não consentirei no casamento...

ALEIXO — Como?!...

LAUDELINO — Está claro que eu não consentirei que ella se case com um homem que anda a jurar levianamente que não gosta della...

ALEIXO — (pequena pausa). O Snr. me desculpe... eu estava mentindo...

LAUDELINO — Minta por sua conta... mas não me faça passar por mentiroso... porque eu já disse á Antonietta que tu querias casar com ella...

ALEIXO — E isso será do gosto della?...

LAUDELINO — Pelo menos é do meu gosto... e tambem do de Martha... Quanto a ella eu já percebi qual-quer cousa...

ALEIXO — Ha muito tempo?...

LAUDELINO — Desde o dia em que percebi que tu querias casar com ella... Resolvi, então, fazer esse casamento...

ALEIXO — O Snr. Laudelino... o Snr. é para mim um verdadeiro pae...

LAUDELINO — Que queres?... E' o meu destino ser pae de todo mundo... Virás morar connosco... Pódes casar quanto antes... E' melhor acabarmos logo com isso... Nada de noivados... E' muito cacete... Trata logo dos papeis...

ALEIXO — O Snr. até me commove...

LAUDELINO — E muito juizo... hein... juizinho rapaz... nada de esbanjamentos...

ALEIXO — Não tenha recio... Correrá tudo muito bem... Estamos combinados...

LAUDELINO — Apenas... uma formalidade...

ALEIXO — Quantas quizer... Estou por tudo...

LAUDELINO — Oh! não tem importancia... um accidente sem gravidade... Ella gosta muito de ti... Será uma esposa modelo... apenas...

ALEIXO — Apenas?...

LAUDELINO — Não deves ser muito curioso sobre o passado...

ALEIXO — Sobre o passado?

LAUDELINO — Talvez elle sinta acanhamento em contar qualquer cousa, que de resto não te interessa...

ALEIXO — Quer o Snr. dizer que não devo procurar conhecer o passado...

LAUDELINO — E' tambem um pouco o futuro... Deixa isso por minha conta... Basta que saibas que eu garantirei o futuro dos tres...

ALEIXO — Dos tres?!... Então... ella?!

LAUDELINO — Mas isso não tem importancia... (afflicto)

ALEIXO — E elle?... Não quiz casar?...

LAUDELINO — Não póde casar...

ALEIXO — Por que?...

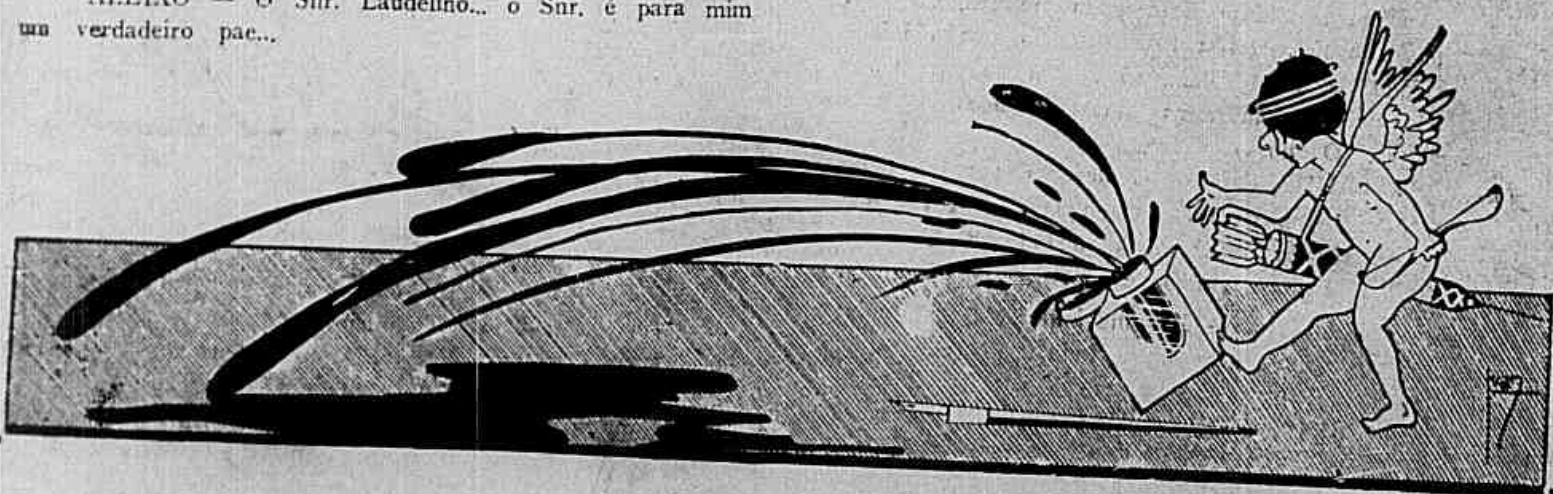
LAUDELINO — Por que já é casado...

ALEIXO — (alliviado) Felizmente...

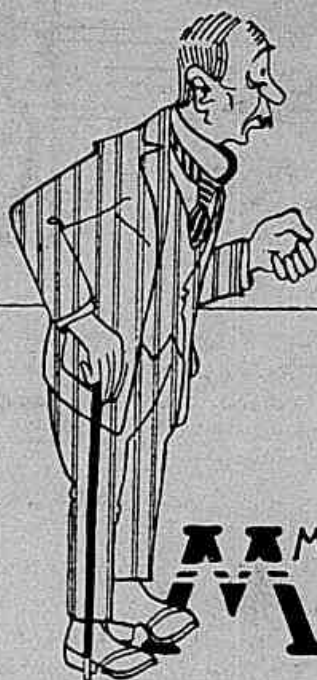
LAUDELINO — (alliado) Estamos então entendidos... Percebes o meu interesse pela tua felicidade... E serão muito felizes... Só é pena que ella não esteja muito perfeita...

ALEIXO — Ainda que estivesse... (Panno)

Jan Richora



CONSULTÓRIO DE



MME

BENEDICTA

RECAMIER — Essas cousas constituem o ultimo anno do curso. Ninguém nasce sabendo. Não peça, porém, explicações a seu marido. Saber, elle sabe; mas, com certeza, só pretende ensinar-as ás mulheres dos outros... A senhora acabará sabendo e, até — quem sabe? — ensinando...

SENADOR Z. — A moda não é, absolutamente, nova. O Príncipe Felipe de Orleans, o famoso galanteador que governou a França como Regente, costumava por-se á mesa inteiramente despido, e cercado de senhoras nas mesmas condições. A isto chamava elle, pretenciosamente, «banquete dos deuses».

Que o senhor queira ser duque de Orleans, não duvido. Achará, porém, as deusas para a festa?

ANNETTE — Diz a minha jovem amiga que as suas conhecidas lhe estão dando o appellido de Comoda. Se é indifferente e accommodada, não ha mal nenhum. Lembre-se, porém, que póde não ser por isso. Eu conheço commodas que só o são porque têm uma porção de gavetas...

LUIZ MAIA — Se acha que o vinho é indispensavel no seu caso, bêba. O senhor confirma, com isso, aquella passagem do Padre Manuel Bernardes, que diz assim: «O amphitheatro em que em Roma se celebravam as festas de Baccho, estava pegado ao templo de Venus...». Adivinhei o seu pensamento?

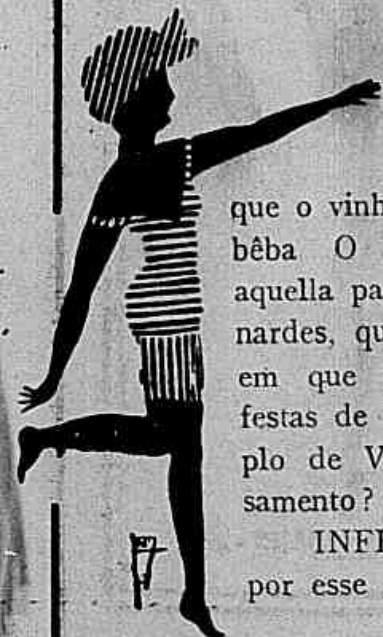
INFELIZ — Os casos de divorcio por esse motivo eram admittidos, outr'o-

ra, pelo proprio direito ecclesiastico. Levada á egreja, pela mulher, a queixa de que o marido não lhe podia assegurar descendecia, era nomeada uma commissão de sacerdotes, para verificar, visualmente, a verdade. Se o marido não contestava, pelo facto provado, a queixa da esposa, era decretada a separação. O ultimo processo deste genero foi no principio do seculo XVIII, quando o marquez de Bievre levou cinco horas, inutilmente, para desfazer, na vista de uma commissão de sacerdotes, a falsidade da queixa levantada pela marqueza.

DEPUTADO H. DE S. — O tornozello que lhe causou tamanha impressão não lhe deve ter deixado duvidas. Lembre-se d'aquelle verso de Musset: «Lorsque l'on voit la jambe, le sexe [se divine]»...

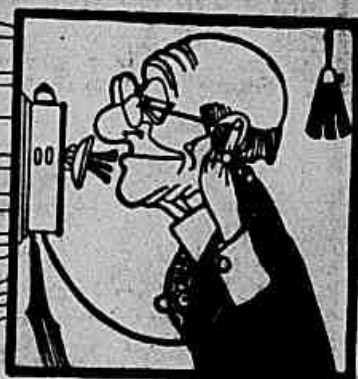
MADAME N. — A situação de que se queixa não é tão grave como supõe. Compreenda o seu papel, e será feliz. O dever das mulheres nas suas condições, isto é, casada com um homem mais moço, é duplamente delicado, mas, em nada, desagradavel. Seja, para elle, esposa e mãe. A' sua paixão de companheira, junte um sentimento puramente maternal. Seja, sobretudo, condescendente. De que serviria, de facto, a tyrannia, a intolerancia, senão para affastar dos seus braços um homem que lhe pertence? Aprenda, pois, a contentar-se com a metade de um amor, se não se quizer ver privada, de subito, de todo elle...

Mme. Benedicta





"POTINS"



Gato e... cachorro

Divorciados os dois, uniram-se. Depois, separaram-se. Explicando a separação, elle informava:

— Ella me «mordia» todos os dias. Era uma fera! Ella soube.

— Eu era quem mordia, não? Mas, olhem!

E mostrava os lindos braços, cobertos de ecchymoses...

Lafontaine na rua

Madame é alva, cabellos castanhos, olhos claros. O marido, é moreno, puxando, mesmo, para o escuro.

Ha dias, passavam os dois pela Avenida, levando ella aos hombros uma pelle de alguns milhares de francos.

— Viste o «renard»? — perguntou mlle. A. á sua amiga inseparavel, mme. N.

E esta, com aquella sua perfidia de sempre:

— Le Renard? Oui.

E, rindo:

— Et le Corbeau, aussi...

A tyrannia do coração

O jovem e brilhante official do Exercito é louco pela esposa, que o adora, e é tão virtuosa quanto encantadora. Apalavrado para o movimento revolucionario do dia 6, tomou o seu lugar na fortaleza revoltosa, e conservou-se ao lado dos companheiros. Em certo momento, porém, ansioso por noticias da familia, mandou, lá, um paisano, com uma carta. Horas depois, o emissario voltava, com a missiva.

— A casa está fechada, e não tem ninguém! — informou.

Para o joven militar aquella noticia era peor do que um tiro do «Minas-Geraes». Que teria sido feito dos seus? Onde estaria aquella hora a esposa querida? Alma em pedaços, pediu licença aos companheiros, e correu á casa, que encontrou, realmente, fechada, porque a esposa havia sido levada para a residencia de uma irmã, que a podia confortar com os desvellos da familia.

(Continuação de Chico Netto)

— Lá vem o Chico Netto! — grita um garoto, no passeio.

E é uma correria. As senhoras correm para as sacadas, em cima. As mocinhas precipitam-se para as janelas, em baixo. As copeiras apparecem na porta. E até as cosinheiras, pretas, brancas e mulatas, chegam, sorrindo, ao portão.

— Chico Netto não ama! — dizem algumas, desoladas.

— Mais do que isso! — protestam outras.

E enquanto elle passo fonfonando, concluem, tristes:

— Adora...

Pé... lopidas

Physica

O 2.º anno da Escola Normal estava em aula, quando o professor de Physica perguntou áquella mocinha pallida, esguia, que anda, agora, de preto:

— Dê-me um exemplo de corpo transparente?

A mocinha baixou os olhos, corada. O professor insistiu, porém, na pergunta, e ella gemeu, o rosto vermelho:

— O meu...

E como o professor a fitasse, attonito:

— Quem me disse foi o Alvaro, meu primo...

Mulheres...

CASADAS
VIUVAS
SOLTEIRAS
E DIVORCIADAS
TODAS GOSTARÃO

DE

Beijos?

Não sabem o que é?
Faltam poucos dias — Preparae-vos



PARA O INVERNO

V. Ex. encontra na **CASA ESTRELLA**

Camisas de lã, ceroulas de lã, cache-nez de lã, meias de lã, bonets de lã, cobertores de lã, luvas de lã, sobretudos, pellerinas, pyjamas de flanela, pyjamas de casemira, cache-col de sêda, etc., etc.

PREÇOS SEM EXEMPLO

RUA DO OUVIDOR N. 134

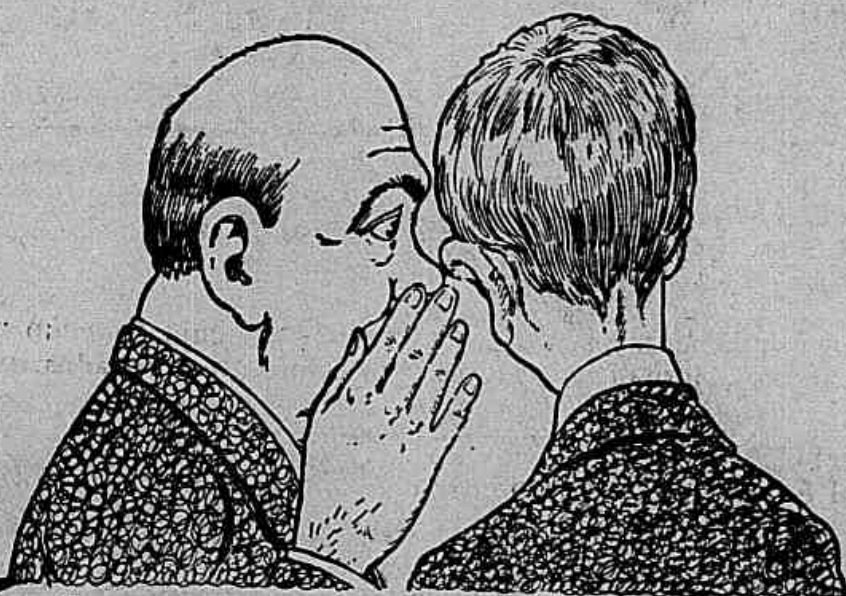
M Para hygiene intima das senhoras
e para defeza secreta dos homens

MATIGON

Pharmacias **ORIENTAG e WERNECK**

Contra o typho

Agua Prata



FALLE BAIXO...

TAMENTO

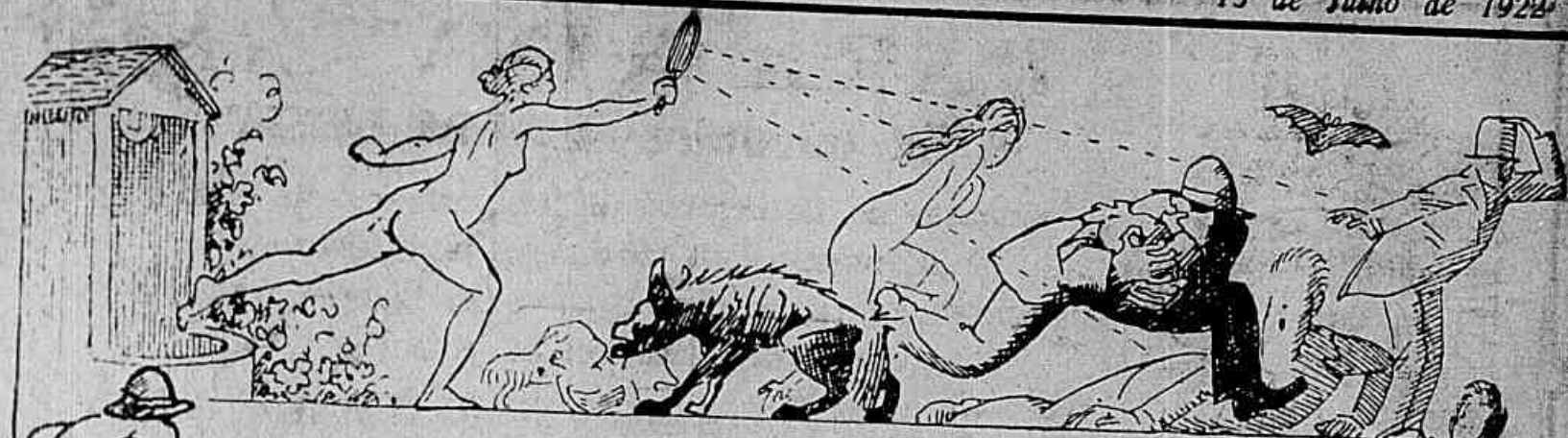
USE

PARA ESQUEN-

Injecção Glycerina

de **ABREU SOBRINHO**

RUA DA LAPA, 6 - RIO



POR TRAZ DOS PANNOS

Amar . . . tello

Ousado, como sempre, o conhecido homem de theatro conseguiu apparecer na caixa do Republica. Alguem que passava nas coxias ouviu, porém, a graciosa «estrella» murmurar, muito a medo:

— O sr. está enganado, positivamente. «Amar... antes», é o meu lemma...

Pombos

Disseram, naquella rodinha abelhuda do jardim do Carlos Gomes, que a interessante pombinha fugira do pombal.

Entretanto, os dois pombinhos foram vistos, n'um café, apóz o espectáculo, arrulhando e comendo pães com manteiga, como nos saudosos tempos da companhia Gonçalves...

E elle, o dono do Pombo, já não diz mais o

«Vae-se a primeira pomba
[ba despretada
e sim o não menos famoso verso
«Como a ave que volta ao
[ninho antigo...

Symbolismo

Elle, conhecido actor comico, tragico, dramatico, etc., appareceu

no Teixeira, com uma fina bengala, castão de osso, bengala offerecida ha bons pares de annos, por occasião do seu trigessimio anniversario.

Excussado será dizer que a bengala fez successo no meio. Todos queriam pegal-a, examinal-a...

Foi, quando o velho Teixeira, com aquella pratica de theatro que todos lhe reconhecem, exclamou, depois de minucioso exame:

— Essa bengala é... symbolista, não é?

O actor festejado pensou, pensou e depois, passando a mão pela testa, murmurou, por sua vez:

— Symbolista? Francamente, não comprehendendo...

Meios e meias

Ouvindo fallar que a graciosa «estrella» gostava immensamente de meias de seda, o joven chronista, conseguindo, na falta de outros meios, um «vale» da gerencia, correu

a adquirir, pressuroso, a dadiva que lhe proporcionaria mil coisas na sua vida jornalística, representadas n'uma coisa: o amor da linda artista.

Ella, porem, não gostou das meias, achou-as mesmo curtas, de seda, sim, mas curtas.

E não contendo a sua indignação, gritou para o joven chronista:

— Eu não acceto isto!... Veja que eu não sou mulher... de «meias medidas»!...

E bateu, furiosa, á porta do minisculo camarim...

Contra-actos

A actriz de nome cinematografico continua sem contracto.

Dizem mesmo que o distincto casal tem passado bem, só cuidando de passeios e mais passeios.

— E a vida vae-te correndo bem? — perguntou-lhe, outro dia, com aquella eterna curiosidade feminina, a actriz Margarida Max.

E a graciosa ex-estrella da Companhia Leopoldo Fróes:

— Assim, mais ou menos, cheia de «rosas»...

Mórde della

Quando «elle» appareceu de queixos amarrados, todos correram assustados.

— Que foi? perguntaram, a um tempo, a uma só voz, o director de scena, o ponto, o contra, o carpinteiro, enfim, toda a companhia.

— Nada meus amigos,—respondeu, agradecida, a actriz querida.

—Samente mordeu um pouco a língua, não deu importancia e inflamou...

— Ah! fez a pequena actriz, com a admiração dos seus tempos de ingenua.

—Mas, então, elle não sabe ter cuidado com os dentes?

—Olha que não tem nada uma coisa com a outra...

O Conceição Machado percebeu a malicia e... fechou a bocca...

Rideau



LEIAM O 3.º NUMERO D' "O Mundo Literario"

Notavel mensario de literatura nacional e estrangeira.

130 PAGINAS DE TEXTO

Directores : PEREIRA DA SILVA e THEO-FILHO

Editora : A grande Livraria LEITE RIBEIRO

O *Mundo Literario* tem como programma intensificar a reciprocidade intellectual de todos os Estados do Brasil, facilitar ao publico o conhecimento directo das novidades literarias, scientificas, sociaes, etc. e collaborar no renascimento das sãs energias nacionaes. Para isso conta com um escolhido corpo de redactores e collaboradores, entre elles : Afranio Peixoto, Alberto Nunes, Augusto de Lima, Alcides Maya, Agenor de Roure, Assis Chateaubriand, Bastos Tigre, Benjamin Costallat, Coelho Netto, Celso Vieira, Felix Pacheco, Goulart de Andrade, Gilberto Amado, Humberto de Campos, Hermes Fontes, João do Norte, Luiz Murat, Luiz Guimarães Filho, Luis Carlos, Lemos Britto, Medeiros e Albuquerque, Mario de Alencar, Rodrigo Octavio, Ronald de Carvalho, Veiga Miranda, Xavier Marques e muitos outros, além das escriptoras Albertina Bertha, Bertha Lutz, Chrysantheme, Cecilia Meirelles, Gilka Machado, Julia Lopes de Almeida, Maria Eugenia Celso e Rosalina Coelho Lisboa.

As secções permanentes do «Mundo Literario» estão entregues aos escriptores Jackson de Figueiredo, Pontes de Miranda, Abacize Faria Rosa, Mucio Leão, Barbosa Lima Sobrinho, Austregesilo de Athayde, João Tolomei, Carlos Maul, Mario Ferreira, Agrippino Grieco, Carlos de Vasconcellos, Flexa Ribeiro, Viriato Corrêa, Santos Netto, Ademar Tavares, Carlos Rubens, Asterio Campos, Virgilio Varzea, José Guilherme, Ribeiro Couto, Abner Mourão, Nestor Victor, etc.

Assignatura semestral.....	11\$000 na Capital	13\$000 nos Estados
» annual.....	20\$000 » »	25\$000 » »
Numero avulso.....	2\$000 » »	2\$500 » »

A remessa por via postal será sempre registrada, estando o porte e registro comprehendidos nos preços acima mencionados.

PEDIDOS Á

Grande Livraria Editora LEITE RIBEIRO

RUAS BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19 e TREZE DE MAIO, 74 e 76

Caixa Postal 899 -- RIO DE JANEIRO

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000
Semestre 13\$000
Numero avulso \$300

Capital:

Numero avulso \$500
» atrazado \$600

Tabella para Anuncios:

1 pagina.....	200\$000	1/8 pagina.....	35\$000
1/2 ".....	110\$000	Capa a duas cores....	450\$000
1/4 ".....	60\$000	» » trez ".....	600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. Jotta Abreu.

Telephone N. 4594

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

HOEPFNER & Co., Ltd.

SECÇÃO GRAPHICA
EXECUÇÃO PERFEITA E RAPIDA

TYPOGRAPHIA

LITHOGRAPHIA

RELEVGRAPHIA

ENCADERNAÇÃO

AVENIDA MEM DE SÁ, 236-240

Telephone Central 378

-- RIO DE JANEIRO --

Contra o TYPHO
AGUA PLATINA

RIPPE? Drogaria Werneck
GRIPPOSANOL

A classe medica diz

O Dynamogenol é indispensavel a todos os individuos cujo trabalho produz a fadiga cerebral — taes como: literatos, jornalistas, padres, professores, empregados publicos, estudantes e guarda-livros.

O Dynamogenol é de resultados surprehendentes nos seguintes casos:

Tuberculose
Anemia
Chloro-anemia
Flores Brancas
Fadiga Cerebral
Hysterismo
Nervoso

Vertigens
Bronchites Chronicas
Agenesia
Pallidez
Insomnia
Paludismo
Perdas Seminaes

Convalescença
Magreza
Dôres de Cabeça
Falta de appetite
Fraqueza geral
Suores nocturnos
Má digestão, etc.

DYNAMOGENOL

Nestas e outras molestias **DYNAMOGENOL** é de um effeito seguro e rapido

As parturientes não devem nunca deixar de tomar o Dynamogenol durante a gestação e após a delivrance, pois, assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphatos, graças a esta inegalavel preparação. — Um só vidro do Dynamogenol representa para a senhora que amamenta mais vantagens que uma duzia de garrafas d'Agua Inglesa.

Vende-se em todo o mundo e na rua 7 de Setembro, 186